



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
ESCOLA DE MÚSICA DA UFRN  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA-LICENCIATURA

DANIEL RIBEIRO DA SILVA

**O SOM QUE LIBERTA:**

ressocialização de apenados através do ensino de violão na Penitenciária Doutor Francisco  
Nogueira Fernandes (Alcaçuz).

**NATAL/RN  
2012**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
ESCOLA DE MÚSICA DA UFRN  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA-LICENCIATURA

DANIEL RIBEIRO DA SILVA

**O SOM QUE LIBERTA:**

ressocialização de apenados através do ensino de violão na Penitenciária Doutor Francisco Nogueira Fernandes (Alcaçuz).

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Música.

**Orientador:** Dr. Jean Joubert Freitas Mendes.

NATAL/RN  
2012

**Catálogo da Publicação na Fonte**  
**Biblioteca Setorial da Escola de Música**

S586s Silva, Daniel Ribeiro da.

O som que liberta: ressocialização de apenados através do ensino de violão na Penitenciária Doutor Francisco Nogueira Fernandes (Alcaçuz)/ Daniel Ribeiro da Silva. – Natal, 2012.

64 f. : il.; 30 cm.

Orientador: Jean Joubert Freitas Mendes.

Monografia (graduação) – Escola de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012.

1. Educação musical - Monografia. 2. Violão – instrução e estudo - Monografia. 3. Detenção de Pessoas – Monografia. 4. Ressocialização – Brasil – Monografia I. Penitenciária Doutor Francisco Nogueira Fernandes (Alcaçuz). II. Mendes, Jean Joubert Freitas. III. Título.

RN/BS/EMUFRN

CDU 78:37

DANIEL RIBEIRO DA SILVA

**O SOM QUE LIBERTA:**

ressocialização de apenados através do ensino de violão na Penitenciária Doutor Francisco Nogueira Fernandes (Alcaçuz).

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Música.

MONOGRAFIA APROVADA EM \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

PROF. Dr. JEAN JOUBERT FREITAS MENDES  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN)  
ORIENTADOR

---

PROF<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. VALÉRIA LÁZARO DE CARVALHO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN)  
1<sup>a</sup> EXAMINADORA

---

PROF. Ms. TICIANO MACIEL D'AMORE  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN)  
2<sup>o</sup> EXAMINADOR

A Deus, autor e consumidor de todas as coisas,  
por nunca me abandonar e sempre me perdoar  
pelos erros;

A meus pais, que tentaram, da maneira que  
puderam, me educar, e me ensinar o caminho da  
cidadania e da verdade;

Aos meus irmãos, que em certos momentos de  
minha vida foram verdadeiros pais para mim.

## AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. Jean Joubert Freitas Mendes, pela paciência e maestria com que conduziu e orientou meu trabalho, me incentivando o tempo todo, e tendo sido, além de um mestre, um amigo.

À Professora Dr. Amélia Martins Dias Santa Rosa, que todo o tempo me compreendeu quando me vi muito atarefado com atividades de várias disciplinas.

Ao Professor Ms. Manoca Barreto, que me iniciou tecnicamente na área de Performance em Música Popular, fato que me impulsionou a seguir na área de Educação Musical. Minha eterna gratidão.

Ao Professor Airton Guimarães, que foi meu primeiro e será meu eterno mestre do Contrabaixo. Minha eterna gratidão.

Ao Professor e grande amigo Antônio de Pádua, que me acolheu no seu círculo musical, apostou no meu talento ainda na fase da imaturidade e inexperiência, você é uma das minhas maiores inspirações. Minha eterna gratidão a você.

Ao amigo e irmão por adoção Marco Antônio da Costa, por tudo: pelo suporte musical, material, pela amizade, carinho, confiança, respeito, dedicação, convivência, pelas primeiras descobertas que fizemos juntos, por me dar a chance e oportunidade de tocar e gravar contigo, e estar sempre aprendendo musicalmente com você, você é o irmão que eu não tive, e é uma das minhas maiores inspirações. A você minha eterna gratidão.

A minha amiga e irmã por adoção, Liz Rosa, pelo carinho, respeito, amizade, confiança, perdão, suporte material, convivência familiar, e principalmente por fazer parte de sua história musical. Você é uma das minhas maiores inspirações, minha eterna gratidão.

Ao meu irmão Jonas, que comprou o meu primeiro instrumento e, na qualidade de grande apreciador da música, sempre foi o “mecenas” na minha carreira musical.

Aos amigos de turma Edbergon Varela, Eduardo Cleiton e Mayra, que sempre me ajudavam em atividades nas quais eu apresentava baixo desempenho. Vocês serão meus eternos monitores.

Ao amigo Victor Hugo Farias, pela amizade, respeito e suporte material nesse período de finalização do trabalho.

Ao Maestro Ranilson Farias, pela parceria com a Big Band Jerimum Jazz, que me rendeu valiosos aprendizados e horas de atividades acadêmicas.

Aos grandes amigos Edu Santafé e Thiago Alcântara, pela parceria, cumplicidade, respeito, suporte material, paciência e amizade. Minha eterna gratidão a vocês.

À diretora do PEA - Penitenciária Dr. Francisco Nogueira Fernandes (Alcaçuz), Dinorá Simas, pelo profissionalismo, competência e suporte que me dispensou nesse período de pesquisa em campo na unidade prisional.

Ao coordenador de projetos de ressocialização do PEA – Penitenciária Dr. Francisco Nogueira Fernandes, Sr. Jonas Ponciano de Macedo, pelo carinho e prestatividade com que me ajudou e me orientou durante a minha pesquisa.

Ao vice-diretor do PEA, Cleibson Câmara, que igualmente tem me ajudado, sem medir esforços para que o ocorra o bom andamento do trabalho de pesquisa.

Aos presos do PEA, que contribuíram demais com suas dúvidas, questionamentos e vivência no projeto, me ensinaram a ser um educador melhor em minha prática docente.

“Eu nasci com a música dentro de mim. Ela me era tão necessária quanto a comida ou a água.”

(Ray Charles)



## RESUMO

O presente relato mostra, de um ponto de vista histórico, o fazer artístico e musical nas unidades prisionais do Brasil desde o início do século XX. É importante que se esclareça que as atividades de educação musical executadas não só no Presídio Estadual de Alcaçuz (PEA), como em todo e qualquer contexto carcerário tem como embasamento legal a Lei de Execução Penal (LEP), que em seu Artigo 11 (BRASIL, 1984) versa sobre a assistência ao preso de uma forma geral e concisa, e no inciso VI do Artigo 41 (BRASIL, 1984) preconiza, apenas ressalvando a compatibilidade de execução da pena, o direito de exercício das atividades profissionais, intelectuais, artísticas e desportivas dos apenados. Como a educação musical é um tema relativamente recente em unidades prisionais, por vezes flerta com outras atividades artísticas no meio prisional, como oficinas de artesanato, oficinas de teatro, produção de desenhos artísticos, pintura de quadros, atividades que são mais comuns e mais viáveis de certa forma. A introdução das oficinas de violão no PEA objetiva o conhecimento por parte do aluno apenado de uma atividade artístico-cultural multifacetada, com diversas funções na sociedade: função de integração, ritualística, religiosa, fúnebre, cívica, terapêutica, festiva, lúdica, profissionalizante, entre outras. Portanto, a música proporciona a inserção do aluno apenado num contexto de convivência e integração humanitária, cidadã, onde, em contato com as artes musicais cotidianamente, ele pode canalizar essa mudança de consciência e de comportamento através de produção artística nas oficinas de violão. Não produziria um bem material para comercialização, como o artesanato, mas as aulas de música direcionadas para a criação de um grupo instrumental ou vocal como laboratório de prática de conjunto surtiria um ótimo efeito na organização de eventos de datas comemorativas ou participações em cerimônias públicas, por exemplo. Para as oficinas, a metodologia utilizada são aulas coletivas em grupos de 5 alunos, onde é trabalhado um conteúdo direcionado à abordagem do violão como instrumento de acompanhamento, com suas peculiaridades de acordes, cordas soltas, etc. Em conversa com alguns alunos apenados, percebo que os resultados obtidos são muito bons. Melhora na convivência familiar e carcerária, no comportamento e no trabalho são alguns dos primeiros resultados obtidos com as oficinas de violão. Outros frutos musicais que foram produzidos e são de uma relevância absolutamente satisfatória são algumas composições que recebo dos meus alunos, algumas com um esboço de harmonia e cifragem um pouco rudimentar, outras que são entregues apenas com a letra, e posteriormente solicitado da parte deles uma co-autoria de minha parte na harmonia. Acredito que esses já estão um nível acima do lúdico, que seria o profissionalizante, e espero poder

obter recursos estatais para poder implantar no projeto o curso profissionalizante de música, fator esse que demandaria mão de obra e material humano além do que já temos.

**Palavras-chave:** Educação Musical. Ambientes Prisionais. Oficinas de Violão.

## ABSTRACT

This report shows a historical point of view, the artistic and musical in prisons in Brazil since the early twentieth century. It is important to clarify that activities performed music education not only in the State Prison of Alcaçuz (PEA), as in any prison context has the legal foundation Criminal Sentencing Act (LEP), which in its Article 11 (BRAZIL, 1984 ) deals with the assistance jailed in general and concise, and in section VI of Article 41 (BRAZIL, 1984) recommends, excepting only the compatibility of the sentence, the right to exercise professional activities, intellectual, artistic and sporting by inmates. As music education is a relatively recent topic in prisons, sometimes flirts with other artistic activities in prisons such as craft workshops, theater workshops, producing artistic drawings, painting pictures, activities that are more common and more viable in a way. The introduction of the guitar workshops in the PEA objective knowledge by the student convict a multifaceted artistic and cultural activity, with various functions in society: integration function, ritualistic, religious, burial, civic, therapeutic, festive, playful, professional, among others. Therefore, the music provides the inclusion of students convict a context of coexistence and integration humanitarian, civic, where in contact with the musical arts daily, he can channel this shift in consciousness and behavior through artistic production in the workshops on guitar. Would not have a good marketing material such as crafts, music lessons but directed towards the creation of a group instrumental or vocal as laboratory practice set would produce a great effect on the organization of events holidays and participation in public ceremonies, for example. For the workshops, the methodology used are group lessons in groups of 5 students, which is worked a targeted content to approach the guitar as a monitoring tool, with its peculiarities of chords, strings, etc. In conversation with some students convicts, realize that the results are very good. Improved family and prison, behavior and work are some of the first results obtained with the guitar workshops. Other fruits musicals that have been produced and are an absolutely satisfactory relevance are some compositions that I receive from my students, some with a sketch of harmony and scrambling a bit rudimentary, others that are delivered only with the letter, and later asked one of them to co-authored by my side in harmony. I believe these are already one level of play, that would be the professional, and I hope to get state resources to be able to deploy the project on vocational course music, this factor would require manpower and human material beyond what we already have.

**Keywords:** Music Education. Prison Settings. Guitar Workshops.

## LISTA DE SIGLAS

ASSECOM/SEJUC	Assessoria de Comunicação da SEJUC
CEJA	Centro de Educação de Jovens e Adultos
COAPE	Coordenação de Administração Penitenciária
DEPEM	Departamento de Evangelismo e Missões das Igrejas Assembléias de Deus
DEPEN	Departamento Penitenciário Nacional
EMPROTUR	Empresa Potiguar de Promoção Turística
EMUFRN	Escola de Música da UFRN
FUNPEN	Fundo Penitenciário Nacional
GEP	Grupo de Escolta Penal do Sistema Penitenciário
GOE	Grupo de Operações Especiais do Sistema Penitenciário
HIV	Human Immunodeficiency Virus
IBSA	International Blinders Association
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LEP	Lei de Execução Penal nº 7.210/1984
MEC	Ministério da Educação e Cultura
NEEJACP	Núcleo Estadual de Educação de Jovens e Adultos e Cultura Popular
PEA	Penitenciária Estadual Dr. Francisco Nogueira Fernandes (Alcaçuz)
PM	Polícia Militar
PNS	Plano Nacional de Saúde
PPC	Prisão Provisória de Curitiba
SEARA	Secretaria de Estado de Assuntos Fundiários e Apoio à Reforma Agrária
SEJUC	Secretaria de Estado da Justiça e Cidadania
SEPLAN	Secretaria de Estado do Planejamento e das Finanças
SESED	Secretaria de Estado da Segurança Pública e da Defesa Social
SUS	Sistema único de Saúde
UERN	Universidade Estadual do Rio Grande do Norte

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Vista aérea de Alcaçuz.....	<b>22</b>
<b>Figura 2</b> – Dr. Igor Pipolo, primeiro diretor de Alcaçuz.....	<b>24</b>
<b>Figura 3</b> – Policiais fazendo patrulha nos arredores da Penitenciária de Alcaçuz.....	<b>25</b>
<b>Figura 4</b> – Dr. Francisco Nogueira Fernandes.....	<b>25</b>
<b>Figura 5</b> – Apenados costurando bolas na fábrica.....	<b>27</b>
<b>Figura 6</b> – Jonas Macedo, coordenador do projeto.....	<b>28</b>
<b>Figura 7</b> – Apenados trabalhando no remanufaturamento.....	<b>29</b>
<b>Figura 8</b> – Professor Paulo Queiroz na aula de Português.....	<b>32</b>
<b>Figura 9</b> – Horta de Alcaçuz.....	<b>33</b>
<b>Figura 10</b> – Professora Mary Ellen na oficina de violão.....	<b>42</b>
<b>Figura 11</b> – Primeiras aulas na turma 1.....	<b>44</b>
<b>Figura 12</b> – Aulas da turma 2.....	<b>48</b>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2 O ENSINO DE ARTE NO SISTEMA PENITENCIÁRIO: O CONTEXTO HISTÓRICO DO SISTEMA PENITENCIÁRIO NO BRASIL.....</b>	<b>16</b>
2.1 A ARTE NO SISTEMA PENITENCIÁRIO BRASILEIRO.....	19
2.2 PEA: O PARADIGMA DE RESSOCIALIZAÇÃO QUE GRADATIVAMENTE SE TRANSFORMOU EM CAOS.....	22
2.3 QUEM FOI DR. FRANCISCO NOGUEIRA FERNANDES?.....	25
2.4 PROJETOS DE RESSOCIALIZAÇÃO DESENVOLVIDOS NO PEA.....	26
<b>2.4.1 Programa Pintando a Liberdade.....</b>	<b>26</b>
2.4.1.1 Programa pintando a liberdade: bolas com guizo possibilitam a prática do futebol a jogadores com deficiência visual.....	27
2.4.1.2 Pintando no exterior.....	27
2.4.1.3 Programa pintando a liberdade na Penitenciária Dr. Francisco Nogueira Fernandes (Alcaçuz).....	27
<b>2.4.2 Programa Reciclar e Renascer.....</b>	<b>29</b>
<b>2.4.3 Projeto de Docência - Alfabetização e Ensino Fundamental.....</b>	<b>31</b>
<b>2.4.4 Projeto de Ressocialização através do Cultivo de Hortaliças - Horta de Alcaçuz.....</b>	<b>33</b>
<b>2.4.5 Projeto de Ressocialização através da Assistência Religiosa: A Pastoral Carcerária.....</b>	<b>34</b>
<b>2.4.6. Projeto de Assistência à Saúde do Sistema Penitenciário do Rn.....</b>	<b>35</b>
<b>2.4.7. Projeto Didático-Pedagógico Musical Som que Liberta.....</b>	<b>37</b>
<b>3 RELATO DE EXPERIÊNCIA: O ENSINO DE VIOLÃO PARA APENADOS DA PENITENCIÁRIA DOUTOR FRANCISCO NOGUEIRA FERNANDES (ALCAÇUZ).....</b>	<b>41</b>
3.1 SURGIMENTO DO PROJETO LIBERTASOM.....	41
3.2 IDEALIZAÇÃO DO PROJETO SOM QUE LIBERTA.....	42
3.3 COTIDIANO DAS AULAS NA TURMA 1.....	44
3.4 COTIDIANO DAS AULAS NA TURMA 2.....	47
<b>4 O ENSINO DE VIOLÃO COMO MEIO DE RESSOCIALIZAÇÃO DE</b>	

<b>APENADOS.....</b>	<b>50</b>
4.1 O QUE É A RESSOCIALIZAÇÃO?.....	50
4.2 COMO AS OFICINAS DE VIOLÃO NO PEA TÊM FUNCIONADO?.....	51
<b>5 RESULTADOS.....</b>	<b>53</b>
<b>6 PERSPECTIVAS FUTURAS.....</b>	<b>54</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>57</b>
<b>APÊNDICE A</b> – Questionário.....	<b>59</b>
<b>APÊNDICE B</b> – Aula de nomenclatura do instrumento, mostrando os modelos clássico, folk e cutaway eletro-acústico.....	<b>60</b>
<b>ANEXO A</b> - Conteúdo das primeiras aulas: acordes maiores.....	<b>61</b>
<b>ANEXO B</b> - Convenção para cifragem de acordes.....	<b>62</b>
<b>ANEXO C</b> - Composições de alunos apenados, com colaboração minha na composição da música.....	<b>63</b>
<b>ANEXO D</b> - Composições de alunos apenados, com colaboração minha na composição da música.....	<b>64</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo discutir sobre a educação musical em um contexto prisional, com vistas à ressocialização dos alunos apenados. Analisar os projetos que vem sendo realizados no Brasil, discutir as metodologias e práticas vinculadas ao fazer musical no ambiente prisional, buscar o máximo da produção intelectual e acadêmica vinculada a essa área, e conseqüentemente contribuir para ampliar essa área de pesquisa. Como iniciar musicalmente um aluno apenado, como reciclar ou reeducar aqueles que já são iniciados na prática musical? Como trabalhar com turmas desniveladas, de diferentes níveis de saberes? Como estimular o prosseguimento das aulas, e evitar as evasões? Como driblar os problemas de falta de infra-estrutura? Como lidar com limitações e deficiências físicas dos alunos apenados? Esses são alguns dos questionamentos que constantemente nos fazemos, e procuramos, através deste relato de experiência, responder gradativamente com ações vivenciais e cotidianas.

No Capítulo I fazemos uma contextualização histórica do fenômeno da prisão, de uma forma global. Como se deu o surgimento e aplicação das penas desde a idade antiga e idade média, e como foi sendo modificada. Abordamos os primeiros Códigos de Leis reconhecidamente considerados nas sociedades mais antigas do mundo. Mais adiante prosseguimos com a descrição e análise do cenário penitenciário brasileiro, desde meados do século XIX até os dias atuais. Falamos das unidades maiores e mais antigas, e os problemas recorrentemente cotidianos que se encontram por lá. No mesmo capítulo contém os direitos e deveres do preso, segundo a Lei de Execução Penal (LEP), contextualizando o fazer artístico em ambientes prisionais no Brasil, de forma cronológica. Abordamos também o surgimento do Penitenciária Estadual Dr. Francisco Nogueira Fernandes (Alcaçuz), a história da ilustre personalidade jurídica que deu nome à unidade, e por fim todos os projetos de ressocialização existentes na unidade desde a sua fundação.

No capítulo II tratamos sobre o surgimento do projeto **Libertasom** no Presídio Estadual de Alcaçuz (PEA), em 2009, quais eram os objetivos, e como foi executado, falando um pouco também sobre os instrutores do projeto. Em seguida, mostramos a idealização e execução do projeto **Som que Liberta**, de nossa autoria. Falamos sobre o perfil dos alunos, as formas de seleção, a infra-estrutura encontrada na unidade, a metodologia empregada, o repertório trabalhado em sala de aula, a necessidade e oportunidade de incentivar alunos a serem monitores do projeto, as limitações técnicas e físicas encontradas nos alunos apenados



menos desenvolvidos, enfim, o conteúdo das aulas e reflexão do processo vivencial como um todo.

No capítulo III, versamos sobre a descrição e reflexão do tema ressocialização. Seus efeitos na sociedade, sua falibilidade e sua aplicabilidade social. Seguimos abordando a metodologia usada com os apenados que demonstraram dominar tecnicamente melhor o violão (monitor e potenciais monitores), bem como o conteúdo empregado. É importante frisar, antes de qualquer coisa, que os apenados são citados aqui pelas iniciais, para própria segurança deles. Prosseguindo, cito os resultados positivos obtidos com as oficinas de violão e as perspectivas futuras de uma ampliação física, humana e estrutural do projeto. Na conclusão, afirmamos que é possível sim ressocializar um aluno apenado através da educação musical, mais especificamente no violão, buscando sempre o tratamento penal adequado para esse público, buscando a diminuição e a conseqüente extinção da reincidência carcerária, e buscando o resgate dos valores éticos e morais dos inscritos nas oficinas, culminando com a sua total reintegração, não só devolvendo à sociedade o corpo vazio de um ser humano, mas um cidadão conceitualmente crítico e íntegro, preparado para estar de volta à sua família e à sociedade, e remido pelo seu trabalho, estudo, atividades desportivas, intelectuais e artísticas, conforme preconiza a LEP.

## **2 O ENSINO DE ARTE NO SISTEMA PENITENCIÁRIO: O CONTEXTO HISTÓRICO DO SISTEMA PENITENCIÁRIO NO BRASIL**

A história do sistema prisional do Brasil sempre foi permeada por características de disfunção, má gestão, por serem sempre transformados os cargos de diretoria de unidades, secretaria de administração penitenciária e coordenação de administração penitenciária em cabides de emprego, funções que sempre são ocupadas por quem tem influência política para fazer juz à gratificação mensal, e não são vistos ou considerados os verdadeiros criminalistas, estudiosos do penitenciarismo, que poderiam estar ocupando essas funções. Conseqüentemente o sistema prisional, por estar sempre mal gerido, mostra sinais de superlotação, falta de higiene, má alimentação para os apenados, falta de infra-estrutura, falta de material de expediente para o setor administrativo, falta de viaturas adequadas, falta de agentes prisionais em número adequado e com treinamento e formação adequada, falta de reciclagens periódicas, falta de armamentos e coletes, atraso no pagamento de salários, entre outros problemas.

O problema da superlotação dos presídios infelizmente é uma constante no Brasil. Conforme Souza (1978) já no final da década de 60 para o início da década de 70 a Casa de Detenção de São Paulo, instituição que foi inaugurada em 1920 e possuía capacidade para 2.000 presos já passava dos seis mil. O Presídio Aníbal Bruno, em Pernambuco, não obstante ter capacidade para 1.448 vagas, já passa dos 5.300 detentos. O Presídio Central de Porto Alegre, que possui capacidade para 1.986, possui 4.470 ocupantes. O Complexo Prisional de Pinheiros, na capital paulista, tem uma média de 5.933 presos para 2.056 vagas. Essa superpopulação inviabiliza o atendimento médico e psicológico dos apenados, conforme preconiza a LEP. Essa população, principalmente os mais pobres, são relegados a maus tratos e ao esquecimento por parte da família e das autoridades. O atendimento jurídico gratuito com o qual eles poderiam contar, que é a defensoria pública, anda a passos muito lentos. Então tudo se torna difícil na vida carcerária. Segundo Souza (1978, p. 84) “a casa de detenção é o cemitério de todas as poesias”, em menção as dificuldades encontradas na Casa de Detenção de São Paulo.

Os detentos, que sempre parecem e aparecem maltrapilhos, sem estar asseados, são considerados como verdadeiros monstros que estão à margem da sociedade. Todos acham que devem realmente ser enclausurados, de preferência numa prisão subterrânea, para nunca mais ter contato com o mundo. Segundo Oliveira (1996, p. 12) “as pessoas, de certa maneira, são

muito influenciadas pela síndrome maniqueísta. É da própria natureza humana levar demasiadamente a sério a separação entre o bem e o mal e sua incomunicabilidade”.

Mas a verdade é que o Estado não dá condições mínimas de sobrevivência de um ser humano dentro de uma unidade prisional. São ambientes lúgubres, insalubres, fétidos, malcheirosos, impregnados de mofo, com pouca iluminação e ventilação, um verdadeiro depósito de seres humanos. O Estado não dá condições de saúde, e afirmo isso porque, na qualidade de professor de música e agente prisional, vejo diariamente os apenados suplicando por um mísero analgésico, por um antiinflamatório, por um remédio de micose, por um sabonete, um creme dental, um lençol, uma escova de dente, e quase sempre está faltando. O sistema penitenciário, tanto seus agentes administrativos quanto operacionais, cultivam bastante aquele pensamento de que, se o sujeito sabia que a prisão era ruim, e ainda assim fez por onde ser preso, que sofra as conseqüências. Nas planilhas de despesas das Secretarias de Administração dos estados brasileiros, tendo como exemplo o RN, um apenado custa **teoricamente** em torno de R\$ 3.000,00 a R\$ 3.500,00 aos cofres públicos mensalmente, valor 15 vezes maior do que o gasto com um aluno da rede pública, que sai a R\$ 233,88 mensais (LUCENA, 2011). Sabemos de onde sai e onde é captado esse recurso, mas ninguém sabe para onde vai essa verba de fato, visto que no sistema penitenciário não é aplicado como deveria ser.

Segundo a Lei de Execuções Penais, a LEP 7.210/1984 (BRASIL, 1984), tanto o preso como o egresso do sistema prisional tem direito a amplas formas de assistência, como assistência material, à saúde, jurídica, educacional, social e religiosa, mas nem de longe isso acontece. O tratamento penal é degradante, desumano, e com certeza por si só não ressocializa ninguém. Os presos, ao passo que estão condenados, segundo o artigo 31 da LEP (BRASIL, 1984), são obrigados a trabalharem, na medida de sua aptidão e capacidade. Os presos provisórios não são obrigados, e se trabalharem deve ser dentro da unidade. Quando trabalham ou estudam na unidade prisional, ocorre o que o artigo 126 da LEP (BRASIL, 1984) chama de remição: o preso trabalha três dias para diminuir um dia na sua pena, ou pode estudar 12 horas para diminuir um dia de sua pena. Diz ainda a LEP que se o preso ficar impossibilitado de prosseguir nos trabalhos ou no estudo por acidente deve continuar a se beneficiar da remição. Mas o que se percebe é uma relação de servidão e vassalagem do preso para com a administração penitenciária, principalmente nas grandes unidades. Em outras palavras, o preso trabalhador não pode adoecer, não pode estar indisposto, os que cozinham são freqüentemente criticados e confrontados se fazem uma comida que não está do agrado de algum funcionário, entre outros cenários de subserviência extrema. O autor Castro (2004) cita

em seu trabalho acadêmico publicado com base nas atividades do Presídio Provisório de Curitiba o seguinte cenário:

Assim, na maioria das vezes, os presos são direcionados – levados – à rotina ‘mecanizada’ dos ‘canteiros de trabalho’ existentes nas Unidades Penais, como recurso permanente ao combate da ociosidade e não à profissionalização – com raríssimas exceções -, ou à produção de cultura, ou seja, constituem-se em mão-de-obra gratuita (ou barata) à produção dos ‘bens’ que o sistema necessita. Em face deste posicionamento ‘aristocrático’, percebe-se que a energia criadora do preso é sugada e consumida sem nenhum escrúpulo; canalizada à pintura, conservação e manutenção das instalações penitenciárias: olvidam-se os valores intrínsecos à personalidade cultural pretérita individual e coletiva dos presos. (CASTRO, 2004, p. 17).

Segundo Souza (1978, p. 84) “os presídios não passam de escola de preparo de delinquentes. Muitos dos que vão parar lá nada sabem de crimes, de estelionato, de entorpecentes ou de pederastia. Mas na escola que freqüentam tudo aprendem. e dela saem sabendo tudo.” Certamente é possível perceber que isso é real no cotidiano prisional das unidades. Como a moeda em sua forma monetária é proibida, os presos facilmente negociam com cigarros, roupas, colchões, negociam melhores celas, e por aí vai... A imaginação de um apenado que passa 24 horas do dia ocioso é infinita. Se tiver algum caso de dívida de drogas, há alguns casos em que o devedor pode chegar a cometer o absurdo de pagar com alguma mulher da família que possa se deitar com o credor. Infelizmente isso é comumente encontrado nas unidades prisionais.

Etimologicamente, segundo Oliveira (1996, p. 21) “o termo pena procede do Latim (*poena*), porém, com derivação do grego (*poine*) significando dor, castigo, punição, expiação, penitência, sofrimento, trabalho, fadiga, submissão, vingança e recompensa [...]”. Como o nosso direito atual descende do primitivo direito romano, é importante entender qual o conceito de pena na antiga Roma. Assim como a lei de Talião, os Códigos de Hamurabi e de Manu eram praticados verdadeiras barbáries contra o criminoso. Salvo em casos excepcionais a morte não era acompanhada por tortura e requintes de crueldade. Os crimes de adultério, incesto e os crimes de lesa-majestade eram punidos com a morte. Eram queimados vivos os criminosos políticos, sacrílegos, mágicos e parricidas. Tinha ainda a castração para os crimes contra os costumes, como o estupro, a ablação dos membros superiores para os falsos escribas, a decapitação aos patrícios, e a crucificação para os escravos. Com a evolução das penas em paralelo à evolução dos crimes, a morte deixou de ser a pena predominante. Já no século V, na Idade Média, os crimes considerados capitais, puníveis com a morte, eram apenas as práticas de traição, homicídio, rapto e incêndio. Na Idade Média, como a igreja

detinha o poder absoluto, e figurava como Estado, ela determinava penitências, mortificações e autoflagelos, principalmente nos mosteiros onde o clero vivia. Segundo Oliveira (1996, p. 35) “foi da internação em mosteiros e reclusão em celas, que se originou a pena privativa de liberdade e o uso da expressão celular [...]”.

## 2.1 A ARTE NO SISTEMA PENITENCIÁRIO BRASILEIRO

Os projetos de arte no sistema prisional Brasileiro são um tema um tanto quanto inéditos, porém reais, e que estão cada vez mais sendo viabilizados, inobstante à letargia do poder público. São experiências didáticas e dinâmicas, que tem a intenção e o objetivo de humanizar a pena privativa de liberdade e resgatar os valores éticos e morais do preso. (CASTRO, 2004). Na antiga Casa de Detenção de São Paulo, conforme Souza (1978), na década de 70 havia algumas manifestações artísticas de pinturas em quadros feitas por presos, mas eram apenas atividades que os presos já tinham iniciado na vida pregressa, e quando foram reclusos eles aperfeiçoaram. Não houve ingerência de nenhum instrutor ou ministrante de oficinas de pintura. Os materiais eram doados, e os quadros inclusive iam a exposições e eram negociados por valores monetários da época. Na Prisão Provisória de Curitiba (PPC) foi implantado o Programa de Ressocialização Bem Viver, em meados da década de 90, que são oficinas onde são praticadas atividades artístico-culturais e de socialização com os presos, com modalidades artísticas e dinâmicas de grupo, atividade na qual estão envolvidos técnicos e funcionários da unidade penal, e onde os presos que se destacam são nomeados monitores e auxiliares dos ministrantes das atividades. Para isso era levado em consideração também as atividades artísticas e culturais que porventura o preso tivesse desenvolvido e participado em sua vida pregressa, a fim de contribuir para o conteúdo do programa de ressocialização. O PPC conta com 584, mas a média mensal de presos na unidade é de 850 presos. Na ocasião de realização do Programa de Ressocialização Bem Viver foi percebido que os presos rotulados de irrecuperáveis eram os que mais se destacavam, assumindo o papel de verdadeiros artistas plásticos, visuais, músicos, poetas e atores. (CASTRO, 2004).

No setor da música, num primeiro momento foram trabalhadas temáticas folclóricas, uma vez que é uma prática comum à maioria, que conheceu as músicas folclóricas, cirandas e parlendas, sobretudo no período da infância. Posteriormente, em 2000, um grupo instrumental foi formado no Presídio Provisório de Curitiba, e contava com quatro percussionistas, duas

guitarras, um contrabaixo, no cavaquinho o Professor Orlando Castro<sup>1</sup>, um teclado e um vocalista. A oficina era feita com base no conhecimento individual de cada um, tecnicamente falando. O grupo preparava repertórios para as datas comemorativas, como Dias dos Pais, Dia das Mães, Dia das crianças, etc. A atividade, apesar de ser lastreada nos moldes da musicoterapia, onde importava o objetivo do entretenimento, visava num momento posterior à profissionalização do apenado. Por volta de 2003, dando continuidade às oficinas de música, foram inseridos o canto coral, com repertório baseado na música popular brasileira e na música folclórica, o violão e a flauta doce, porém nessa ocasião como uma atividade mais voltada para a terapia ocupacional, sem o caráter profissionalizante. Foi criada também uma oficina de teoria musical, após se observar a necessidade de ministração dos componentes da notação musical e de conceitos fundamentais para compreender a linguagem da música. Na parte de teatro, foram trabalhadas peças com temas variados e polêmicos, que continham textos complexos, e que privilegiavam o improviso e a liberdade de expressão dos movimentos corporais, além do teatro de bonecos, mais conhecido por **mamulengo**, que também estimulava bastante o improviso e a criatividade. Na parte de oficinas de desenhos, foram produzidas pelos internos, além de cópias bem feitas de obras de autores já consagrados, a materialização de sentimentos, reprodução de paisagens, abstratos significativos. A atividade de artesanato, bastante diversificada, era uma atividade que, no Presídio Provisório de Curitiba, tinha inclusive a intenção de gerar renda, na venda de produtos de artesanato para os colegas de cárcere e para os visitantes que iam ao Presídio Provisório de Curitiba. Eram usadas diversas técnicas de artesanato, como a **cestaria**, onde ocorre a reciclagem do papel, que é trançado semelhante à técnica da cestaria indígena Brasileira. Havia também as **samambaias**, criadas com base no reaproveitamento de garrafas pet; as pinturas artísticas, em cartões e papel de carta; havia as dobraduras, baseadas na técnica do **origami**; o Patchwork, que é a arte de unir retalhos; bonecas de lã, artigos de mesa em tricô e bordado, cata-ventos, barcos de madeira feitos com palitos de picolé, porta jóias artesanal, bancos decorados, etc. Devido à versatilidade dos apenados eram produzidos uma infinidade de coisas. Havia também o mosaico, dividido em duas subcategorias: o mosaico terapêutico, para aqueles que possuíam alguma patologia severa ou deficiência de saúde, e os que faziam o mosaico utilitário, que era aquele mais bem trabalhado que servia para expor na banca de artesanato do presídio em dias de visita, a fim de ser comercializado e gerar renda ao artesão.

---

<sup>1</sup>Professor Orlando Castro é pesquisador e colaborador do Programa de Ressocialização Bem Viver, que trabalha a arte-educação no Presídio Provisório de Curitiba.

Outro projeto de educação musical relevante é o projeto desenvolvido no Núcleo Estadual de Educação de Jovens e Adultos e Cultura Popular Julieta Ballestro (NEEJACP), integrado à Escola Estadual Julieta Ballestro, localizada no Presídio Regional de Santa Maria/RS. Este é um projeto pedagógico-musical, que ocorreu nos anos de 2005 a 2007, que foi direcionado aos alunos-presidiários da referida instituição. O espaço físico onde eram realizadas as aulas contava com uma sala 2,5m por 2,5m, onde havia cerca de 9 carteiras para uma média de 8 alunos, dependendo do turno, uma mesa e cadeira para o professor, e um quadro branco com caneta de álcool. Os alunos eram de faixa etária bastante variada, entre 18 e 60 anos. Havia uma grande variação também na condição financeira, grau de instrução e classe social dos presos. Muitas vezes, percebia-se que a condição financeira e o grau de instrução eram diretamente proporcionais, ou seja: quanto mais instruído, mais estabilizado financeiramente. Quanto menor a instrução, menor a condição financeira. As oficinas de música começaram com atividades de canto coral, atividade essa que permitiu com que transparecesse o pudor e desentrosamento extremo dos alunos com a professora, Maria Augusta dos Santos Medeiros, que também estava na qualidade de pesquisadora do projeto. Com o gradativo ato de incentivar e mostrar a confiabilidade no potencial musical de cada um deles, esse primeiro ato de resistência foi superado, e houve bons resultados dentro da sala de aula.

Num momento posterior, no ano de 2006, já numa prática musical lastreada pela recíproca cumplicidade, a professora e pesquisadora Maria Augusta percebeu que os alunos eram bastante heterogêneos, no sentido de acúmulo de vivências musicais. Uns já participavam de escolas de samba, outros já tinham bandas ou grupos de pagode, outros nada sabiam, apenas eram admiradores da arte e participavam de forma lúdica nas oficinas. Então, a Professora Maria Augusta trabalhou com todos, coletivamente, sempre levando em conta a bagagem musical que cada um já trazia consigo. E com isso notou-se que o aprendizado era recíproco.

No ano de 2007, a Professora Maria Augusta<sup>2</sup> decidiu por remanejar o conteúdo, visto que os alunos-presidiários tinham tido bastante dificuldade de entendimento e execução de ritmos propostos. Tentou fazer atividades de leitura e percepção rítmicas, porém sem sucesso. Os alunos alegavam que o que eles realmente queriam era tocar, sem burocracia. Então, desta feita, a Professora Maria Augusta levou os instrumentos para todos, e percebeu um enorme contentamento e estímulo da parte deles. (MEDEIROS, 2009). A Professora fez sessões de

---

<sup>2</sup> Professora e pesquisadora responsável pelo projeto de educação musical no Presídio Regional de Santa Maria/RS.

apreciação musical, sempre com enfoque na instrumentação do arranjo, se a música continha vocal ou se era puramente instrumental, qual o idioma em que a música estava sendo cantada, entre outros elementos. Para Medeiros (2009) a reciprocidade na troca de conhecimentos é fundamental, uma vez que o aluno já traz uma bagagem musical informal e a experiência do mestre muitas vezes é pautada apenas no rito acadêmico:

Acredito também que a troca de conhecimentos se dá por causa da descentralização das aulas do professor e centralização nos alunos. Assim como a escolha do repertório é feita em conjunto, de acordo com os gostos, lembranças e cultura de cada indivíduo em cada turma, traz certa confiança e a certeza de que eles estão fazendo música e mudando o ambiente em que eles vivem e estudam. (MEDEIROS, 2009, p. 6).

## 2.2 PEA: O PARADIGMA DE RESSOCIALIZAÇÃO QUE GRADATIVAMENTE SE TRANSFORMOU EM CAOS

**Figura 1** - Vista aérea de Alcaçuz



**Fonte:** O autor (2012).

A Penitenciária Dr. Francisco Nogueira Fernandes (Alcaçuz), conhecida assim por estar situada no pequeno povoado que leva esse nome, numa área predominantemente rural e inabitada, foi construída no ano de 1998 na gestão da ministra da justiça Iris Resende e do governador Garibaldi Alves Filho, e inaugurada no mesmo ano, no dia 26 de março. Na



época, contava apenas com três pavilhões, com capacidade para 120, 240 e 50 presos, respectivamente. Haviam também os espaços utilizados como padaria, rancho, fábrica de bolas, setor médico, setor de aulas, setor administrativo e alojamento dos servidores. Na estrutura hierárquica de administração estava, além da Ministra e do Governador supracitado, o Secretário da Secretaria de Estado da Justiça e da Cidadania, o Dr. Carlos Eduardo Nunes Alves. O diretor da unidade empossado na ocasião da inauguração da Penitenciária foi o Dr. Igor Pipolo, Advogado. O 1º vice-diretor, segundo a Coordenação de Administração Penitenciária, é desconhecido. É importante citar que, devido à pequena população e o baixo índice de criminalidade no estado em relação aos demais, dando o aspecto de província em desenvolvimento, nem existia o cargo de Agente Penitenciário no estado. Quem fazia a atividade de custódia de presos nas unidades eram os policiais militares da reserva, os chamados guardas patrimoniais.

Em 16 de dezembro de 1997 foi publicada a lei nº 7.097, que cria o cargo de Agente Penitenciário no estado do RN, bem como o Grupo Ocupacional Penitenciário e os cargos de diretores de unidades penais. Apesar disso, só a partir do ano de 2000 foi organizado o certame para o cargo de Agente Penitenciário no estado do RN, tendo ingressado as primeiras turmas de Agentes em 2002, efetivamente. Porém, historicamente os números de servidores sempre apresentaram um déficit em relação à demanda. Paralelo a isso, há desde a criação do cargo o déficit de aparato policial e equipamentos, como armas, coletes, viaturas, fato este que enseja freqüentemente a inserção de apoio dos servidores policiais militares nas atividades internas e externas das unidades prisionais do RN, gerando um grave desvio de função.

Já no início da história da Penitenciária começaram a surgir os primeiros problemas: a Penitenciária foi construída sem que tivesse sido exigida Licença Ambiental. Não existia, sequer, a titularidade da área do terreno para o Governo do Estado. A regularização só veio ocorrer em dezembro de 2010, quando houve a transferência da área da antiga Cidade Hortigranjeira, onde a Penitenciária foi construída, para o Governo do Estado do Rio Grande do Norte (Certidão do Registro na Secretaria de Estado da Justiça e Cidadania - SEJUC). Em 2005/2006, já na gestão do Governo de Wilma de Faria, e com a mudança do secretário de justiça, que passou a ser o Dr. Leonardo Arruda, houve a criação da Coordenação de Administração Penitenciária (COAPE), e seu coordenador era o Capitão da Polícia Militar (PM) José Deques (posteriormente promovido a Major). Na época o trabalho já era devidamente realizado pelos agentes penitenciários. Foi construído então um 4º Pavilhão para presos provisórios na Penitenciária Dr. Francisco Nogueira Fernandes (Alcaçuz), com 120 vagas, sendo inaugurado em novembro de 2006, e não tenho havido necessidade de Licença

Ambiental pela inexigibilidade do Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN) em relação à reforma para criação de novas vagas em unidades prisionais antigas. Nesse período, a Governadora Wilma de Faria baixou um decreto que contribuiu para a superlotação no sistema prisional do RN, que já era bastante acentuada: Criou 200 novas vagas em Alcaçuz, sem aumentar a estrutura física do presídio. Sendo assim, a capacidade de vagas anunciada, que era de 420, passou a 620, porém sem estrutura para abrigar esse contingente. Em 2010, foi construído um 5 pavilhão, com capacidade para 402 apenados. Hoje, o presídio abriga mais de 900 apenados, de diversas modalidades de artigos e crimes.

**Figura 2** – Dr. Igor Pipolo, primeiro diretor de Alcaçuz



**Fonte:** MACEDO, Thyago; COSTA, Sérgio. Igor Pipolo: “penitenciárias têm que receber preso ruim e soltar uma pessoa boa”. 2011. Disponível em: <<http://portalbo.com/materia/Igor-Pipolo-penitenciarias-tem-que-receber-presos-ruims-e-soltar-uma-pessoa-boa>>. Acesso em: 10 out. 2012.

**Figura 3** – Policiais fazendo patrulha nos arredores da Penitenciária de Alcaçuz



**Fonte:** MACEDO, Thyago; COSTA, Sérgio. Igor Pipolo: “penitenciárias têm que receber preso ruim e soltar uma pessoa boa”. 2011. Disponível em:<<http://portalbo.com/materia/Igor-Pipolo-penitenciarias-tem-que-receber-presos-ruims-e-soltar-uma-pessoa-boa>>. Acesso em: 10 out. 2012.

### 2.3 QUEM FOI DR. FRANCISCO NOGUEIRA FERNANDES?

**Figura 4** – Dr. Francisco Nogueira Fernandes



**Fonte:** DR. Francisco Nogueira Fernandes. 2011. Disponível em:<<http://jotamaria-comarcadesaomiguel.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 11 out. 2012.

Francisco Nogueira Fernandes, grande personalidade jurídica que deu nome à maior Penitenciária do estado do RN, nasceu em 22 de junho de 1913, na cidade de São Miguel/RN. Filho de Cristalino Fernandes de Queiroz e Tercina Nogueira Fernandes, Dr. Francisco Nogueira Fernandes já atuava como Promotor Público na comarca de São José de Mipibú em 1937, com apenas 24 anos de idade, tendo permanecido até 1938. Entre os anos de 1957 a 1960 exerceu as funções de Procurador Geral do Estado. Mais tarde, em 1967, atuou como 2º Procurador de Justiça da Comarca de Natal. Em 1971 foi nomeado novamente para exercer o cargo de Procurador Geral de Justiça do estado do RN, vindo a se aposentar no ano de 1978.

## 2.4 PROJETOS DE RESSOCIALIZAÇÃO DESENVOLVIDOS NO PEA

### 2.4.1 Programa Pintando a Liberdade

O Programa Pintando a Liberdade opera nos 27 estados do Brasil mais o Distrito Federal. São 90 unidades de produção em funcionamento. Ao todo, 12.700 detentos estão envolvidos no processo. Os convênios são firmados entre o Governo Federal, através do Ministério do Esporte, e os órgãos que administram os presídios. Os detentos recebem pelo trabalho realizado uma parte da produção. Parte do pagamento é repassado imediatamente aos detentos e outra parte é depositada para ser retirada após o pagamento da pena. As unidades de produção são instaladas em um espaço de, no mínimo, 100m<sup>2</sup>. Na fabricação de bolas, trabalham em média 15 detentos. Já na produção de uniformes, que pode envolver homens e mulheres, trabalham 80 pessoas. A inclusão do detento no projeto é uma decisão voluntária e os critérios de seleção são definidos pela administração do presídio. Os selecionados são capacitados por instrutores orientados pela Secretaria Nacional de Esporte. A maioria dos instrutores são ex-detentos que trabalharam no Pintando a Liberdade. A idéia do projeto surgiu no Paraná em 1995, por iniciativa do psicólogo Roberto Canto, então coordenador regional de um programa semelhante no Estado do Paraná. A oficina foi patrocinada pela Coca-cola e beneficiava cerca de 200 detentos. Com o fim do patrocínio, em 1999, o projeto foi adotado pelo então Ministério do Esporte e Turismo. Só nos últimos dois anos o Ministério do Esporte já repassou R\$ 33,5 milhões para as ações. Duas unidades do programa envolvem menores infratores na produção. As fábricas estão instaladas em Franco da Rocha (SP) e na Fundação de Amparo ao Menor de Feira de Santana (BA).

Para citar um exemplo de produtividade, a produção do programa estimada em 2007, 763.665 itens de materiais esportivos, atendeu cerca de 4,6 milhões de jovens carentes.

#### 2.4.1.1 Programa Pintando a Liberdade: bolas com guizo possibilitam a prática do futebol a jogadores com deficiência visual

O ministério do esporte desenvolveu, na unidade do Programa Pintando a Liberdade em Feira de Santana (BA), a produção de bolas de futebol para cegos. As bolas contém um guizo, que orienta os jogadores sobre sua localização na quadra. O material é o único reconhecido pela Internacional Blinder Association (IBSA), organização internacional que dirige o desporte de cegos, e é distribuído gratuitamente pelo Ministério do Esporte para entidades do Brasil e do exterior. Os detentos de Feira de Santana fabricam cerca de 5 mil bolas por ano. Cerca de 50 mil jogadores utilizam o material, por ano, em todo o mundo.

#### 2.4.1.2 Pintando no exterior

Além de atender os programas sociais do governo brasileiro, o Pintando a Liberdade distribui os equipamentos esportivos produzidos pelos detentos a 25 entidades estrangeiras. No ano de 2006, mais de 78,8 mil estrangeiros receberam mais de 7,5 mil itens esportivos. Entre bolas de futebol, vôlei, futsal, camisas, calçados, redes, entre outros.

Assim, por meio da ação de cooperação internacional, países como Haiti, China, Rússia, Moçambique e Chile, são alguns dos parceiros do governo brasileiro. Os pedidos são feitos através de ofício destinado ao ministro de Esporte.

#### 2.4.1.3 Programa Pintando a Liberdade na Penitenciária Dr. Francisco Nogueira Fernandes (Alcaçuz)

**Figura 5** – Apenados costurando bolas na fábrica



**Fonte:** O autor (2012).



Quando o Programa Pintando A Liberdade iniciou no sistema carcerário do Rio Grande do Norte, em dezembro de 2000, foi direcionado para a fábrica de bolas do Ministério do Esporte instalada na Penitenciária de Alcaçuz, na cidade de Nísia Floresta. Inicialmente trabalhavam mais de 100 apenados, oriundos de todos os pavilhões. Com o passar do tempo, por medidas de segurança esse número teve que ir sendo gradativamente reduzido, e hoje apenas 30 apenados oriundos do setor médico (setor de trabalhadores) participam do programa Pintando a Liberdade. Entretanto, o projeto foi estendido a duas unidades do interior, a saber, Penitenciária Agrícola Dr. Mário Negócio, em Mossoró, e a Penitenciária Estadual do Seridó, em Caicó, onde trabalham respectivamente 43 e 92 apenados. Os apenados em Alcaçuz receberam recentemente a visita da coordenadora do Programa Pintando a Liberdade, Joseane Salmito. Após vistoriar instalações e conferir o maquinário e a matéria-prima, a servidora conversou com os detentos envolvidos com o programa de produção de material esportivo do governo federal. “Eles falaram sobre a importância do programa em suas vidas, agradeceram a oportunidade e pediram que ele nunca acabe” (informação verbal)<sup>3</sup>.

**Figura 6** – Jonas Macedo, coordenador do projeto



Fonte: O autor (2012).

<sup>3</sup> Informação fornecida por Jonas Ponciano de Macedo – Coordenador de Projetos do PEA – mediante entrevista prévia com Joseane Salmito - Coordenadora do Programa Pintando a Liberdade, no PEA, em Nísia Floresta, em outubro de 2012.

O motivo da visita técnica da coordenadora foi avaliar o funcionamento da fábrica. Acompanhada pelo coordenador do programa Jonas Ponciano de Macedo, que é servidor da secretaria de justiça há mais de 30 anos, e pelo gerente de produção, Dyego Macedo, Joseane ficou satisfeita com o que viu. “Tanto a estrutura do local quanto as condições de trabalho dos presos são excelentes” (informação verbal)<sup>4</sup>. O presídio de Alcaçuz fica na região metropolitana de Natal, distante 40 km da capital potiguar. A produção a cada período de 18 meses é de 13,5 mil bolas esportivas de cinco modalidades (vôlei, basquete, futebol, futsal e handebol), configurando assim uma parceria do governo federal através do Ministério dos Esportes (90% dos recursos) com a Secretaria Estadual de Justiça e Cidadania (10% dos recursos). As modalidades esportivas de bolas ainda subdividem-se em futebol infantil, futsal infantil, basquete mirim, handebol mirim e handebol feminino. Além de uma oportunidade de ocupar o tempo ocioso, os beneficiados pelo Pintando a Liberdade aprendem uma profissão e recebem um pecúlio de R\$ 380,00 mensais, além de R\$ 2,70 por produção de cada bola. A cada três dias trabalhados, eles têm um dia abatido na pena, processo preconizado no artigo 126 da LEP (BRASIL, 1984) e conhecido como remição. O material confeccionado pelas unidades de fabricação tem destino certo: os itens esportivos são distribuídos para o Programa Esporte e Lazer da Cidade, do Ministério do Esporte, e também são doados para escolas da rede pública do país. As parcerias do Pintando a Liberdade são mantidas por meio de convênio com os governos estaduais. Bolas, camisetas, bonés, sacolas, mochilas, bolsas, bandeiras nacionais e jogos de dama e de xadrez estão entre os itens confeccionados.

#### 2.4.2 Programa Reciclar e Renascer

**Figura 7** – Apenados trabalhando no remanufaturamento.



**Fonte:** O autor (2012).

---

<sup>4</sup> Informação fornecida por Jonas Ponciano de Macedo – Coordenador de Projetos do PEA – mediante entrevista prévia com Joseane Salmito - Coordenadora do Programa Pintando a Liberdade, no PEA, em Nísia Floresta, em outubro de 2012.

O Programa Reciclar e Renascer começou por iniciativa de uma parceria entre o governo federal e estadual do RN, pouco antes de março de 2009, e consistia em ressocializar apenados do sistema prisional inserindo-os no trabalho de reciclagem de cartuchos e toners nas unidades prisionais do RN. A verba, nessa ocasião, foi devolvida ao governo federal - que era quem estava bancando com os recursos de impostos da união - pelo governo estadual por impossibilidade de treinamento e execução do projeto. Alguns meses mais tarde, o governo estadual decidiu fazer por sua própria conta, mais precisamente em março de 2009. Na ocasião, estando na gestão a ex-governadora, a senhora Vilma de Faria, o senhor secretário da SEJUC Leonardo Arruda, o coordenador de administração penitenciária, capitão PM José Deques, o agente de polícia civil, Sr. Ailson Dantas (Atual coordenador da COAPE) o projeto deu o pontapé inicial, com um treinamento aos apenados, ministrado pela NEW PRINT, que também foi quem forneceu as máquinas. Os apenados passam por um procedimento técnico-classificatório simplificado, a saber: análise de seu comportamento, do seu grau de instrução (deve ser alfabetizado), e análise do interesse da direção da unidade em que o apenado seja inserido no programa. Os trabalhadores, que são cinco ao todo, tem entre 1 a 3 anos de participação no projeto. Eles trabalham com reciclagem de cartuchos e toners de diversas marcas, a saber: HP, Lexmark, Canon e Xerox. Em entrevista ao apenado **P**<sup>5</sup> (informação verbal)<sup>6</sup>, participante mais antigo do Programa, ele falou que:

ainda há muito o que se adequar em relação aos fatores de segurança no trabalho, pois o pó do Toner que eles respiram é altamente tóxico, podendo causar a curto prazo febre, irritação nas vias aéreas, e a longo prazo até um câncer de pulmão. É preciso que haja sempre material como luvas e máscaras, mas esse é um material não muito farto.

Ainda comentou que “o salário dos mesmos está extremamente atrasado, em torno de 2 anos, e eles sempre tem problema com esses atrasos. Quando acumula e paga-se uma parte, com pouco tempo está acumulado de novo, ou seja, com inadimplência”. Atualmente, como alguns apenados mostram habilidades diversas das que foram supracitadas, é comum o apenado ser conduzido mediante escolta à Secretaria de Justiça para fazer reparos na parte elétrica e hidráulica. Dentro da unidade às vezes há a demanda de serviços mecânicos, e alguns dos inscritos no Reciclar e Renascer ajudam nessa parte também. Porém, além de eles terem o incentivo de um salário mínimo mensal em regime de pecúlio – salário depositado

---

<sup>5</sup>Os apenados que foram entrevistados nesse trabalho serão citados pelas iniciais de seus nomes e/ou alcunhas, pela segurança deles e por uma questão ética.

<sup>6</sup> Informação fornecida por um apenado mediante entrevista no PEA, em Nísia Floresta, em outubro de 2012.



deduzido dos danos materiais que o apenado causou e deve pagar desse dinheiro, e deduzido da ajuda à família – eles têm o benefício da remição, que é a troca de três dias de trabalho por um dia de liberdade. O Programa Reciclar e Renascer também foi implantado na Penitenciária Estadual do Seridó, situado em Caicó.

O programa Reciclar e Renascer tem convênios com a Secretaria Estadual de Segurança Pública e Defesa Social (SESED), Empresa Potiguar de Promoção Turística (EMPROTUR), Secretaria de Estado de Assuntos Fundiários e de Apoio à Reforma Agrária (SEARA), Secretaria de Estado do Planejamento e das Finanças (SEPLAN), Defensoria Pública do Estado do Rio Grande do Norte e Assessoria de Comunicação (ASSECOM). Tanto na Penitenciária Estadual Francisco Nogueira Fernandes (Alcaçuz) como também na Penitenciária Estadual do Seridó (Caicó) a produção de cartuchos jato de tinta e toners é de acordo com a demanda nas unidades e repartições. A unidade de Alcaçuz, por exemplo, abastece as demais unidades prisionais de Natal e Grande Natal, e as repartições vinculadas à SEJUC.

#### **2.4.3 Projeto de Docência - Alfabetização e Ensino Fundamental**

Os projetos de educação básica na Penitenciária Dr. Francisco Nogueira Fernandes (Alcaçuz) iniciaram no ano de 2009. O mais antigo educador, Professor Paulo Queiroz, que leciona português, afirma que “desde o ano de 1979 já dava aulas em instituições prisionais do RN, como por exemplo, a extinta colônia penal Dr. João Chaves, na Zona Norte de Natal, onde hoje funciona o prédio da UERN e o complexo cultural da Zona Norte” (Informação verbal)<sup>7</sup>.

O projeto se divide da seguinte forma: a Professora Enilza e a professora Lívia ministram aulas de alfabetização, e cada uma tem em torno de 15 alunos. O projeto de alfabetização é o **Brasil Alfabetizado**, uma iniciativa do Ministério da Educação e Cultura (MEC), em parceria com o Governo Federal.

---

<sup>7</sup> Informação fornecida por Paulo Queiroz – Professor de Português - mediante entrevista no PEA, em Nísia Floresta, em outubro de 2012.

**Figura 8** – Professor Paulo Queiroz na aula de Português



Fonte: O autor (2012).

A parte de Ensino Fundamental é um subnúcleo do Centro de Educação de Jovens e Adultos Professora Lia Campos, do qual eu também já fui aluno. Conta com a participação de aproximadamente 25 alunos, que recebem aulas de Português, Ciências e Matemática, disciplinas ministradas respectivamente pelos professores Paulo, Fernando e Josete. Na primeira ocasião em que estive visitando o projeto, o professor Paulo estava dando aulas sobre dígrafo, por causa da dificuldade anunciada de alguns alunos com palavras que continham as consoantes “ss” empregadas de forma geminada. A aula começou aproximadamente às 10h e foi até às 11h30min.

Os alunos dos projetos de educação básica da Penitenciária Dr. Francisco Nogueira Fernandes tem a possibilidade de remição de pena, da seguinte forma: 12 horas de efetiva participação em aulas por 1 (um) dia de pena. Percebi que havia bastante material didático na sala de aula, e ao perguntar a origem, o professor Paulo me contou que “uma parte era doada pelo MEC/Brasil Alfabetizado, e outra pelo Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) Professora Lia Campos” (Informação verbal)<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> Informação fornecida por Paulo Queiroz – Professor de Português - mediante entrevista no PEA, em Nísia Floresta, em outubro de 2012.

#### 2.4.4 Projeto de Ressocialização através do Cultivo de Hortaliças - Horta de Alcaçuz

Figura 9 – Horta de Alcaçuz



Fonte: O autor (2012).

O Projeto Horta de Alcaçuz, que teve início aproximadamente em Junho/2012, talvez seja o mais informal dos programas de ressocialização existentes atualmente na unidade prisional, porém um dos mais organizados e bem desenvolvidos. Informal pela configuração do seu surgimento: o apenado X, natural de Encruzilhada do Sul, RS, cozinheiro da guarda externa da Polícia Militar (PM), recluso e condenado a sete anos de prisão pelo artigo 214 (BRASIL, 1940), informou em entrevista (informação verbal)<sup>9</sup> que:

Havia falado ao subcomandante da guarda externa da Polícia Militar na Penitenciária Dr. Francisco Nogueira Fernandes (Alcaçuz) que já havia realizado o projeto de cultivo de hortaliças em outras unidades prisionais, como o Centro de Detenção Provisória do Panatis, e que gostaria de ter a chance de obter a remição de sua pena em Alcaçuz através do desenvolvimento de um trabalho semelhante a esse que ele já vinha desenvolvendo.

O Subcomandante Soares, bastante entusiasmado com a ideia de coordenar um projeto como este aceitou o desafio. Foi utilizada uma área de 30x50m, que já tinha algumas

---

<sup>9</sup> Informação fornecida por um apenado mediante entrevista no PEA, em Nísia Floresta, em outubro de 2012.

mangueiras, coqueiros e cajueiros, porém a maior parte do solo era um lixão. Foi limpo esse lixo e o mato dessa área pelos apenados, adubada e preparada a terra, com material orgânico, como paus, galhos, folhas e estrumes secos, além da construção de canteiros com alvenaria de tijolos de 30 cm, que fica 15 centímetros enterrado e 15 centímetros exposto. O sistema de irrigação é feita da seguinte forma: existe uma cisterna proveniente de um poço natural ao lado da Horta de Alcaçuz, do qual é retirado água através de uma bomba. Foi inserido o encanamento da bomba para as proximidades dos canteiros de hortaliças, com registros, e finalmente é distribuído para os canteiros através de mangueiras industrializadas de pressão com furos, que irrigam sem estragar a água. As primeiras mudas semeadas foram conseguidas através de compras em granjas vizinhas, e doações de alguns agentes. Atualmente, já contando com a participação de três apenados de bom comportamento, a produção é bem extensa e já se percebe os frutos produzidos pelo trabalho. Alface crespa, americana, romana, ansom, lisa de camada, roxa espada, tomate Santa Adélia, pimentão, banana, maracujá gigante, pimenta de cheiro, pimenta malagueta, chuchu, maxixe, couve comum, couve da Geórgia, repolho gigante, cebolinha, coentro, feijão verde, macaxeira, milho, cenoura, berinjela, couve flor, brócolis e abóbora são alguns dos itens alimentares produzidos nesse projeto. O projeto já foi visitado por autoridades, como engenheiros agrônomos, promotores e juízes da região, e hoje é considerado um importante Programa de Ressocialização na unidade da Penitenciária Dr. Francisco Nogueira Fernandes (Alcaçuz).

#### **2.4.5 Projeto de Ressocialização através da Assistência Religiosa: A Pastoral Carcerária**

A pastoral carcerária do sistema prisional do RN é um importante projeto de ressocialização no sistema prisional, embora seja informal, ou seja, não é oficializado em diário oficial como sendo um grupo próprio do sistema prisional, com sede, veículos a disposição, remunerações e gratificações, como é o caso do Grupo de Escolta Penal (GEP) e do Grupo de Operações Especiais do Sistema Penitenciário do RN (GOE). A única oficialização que o grupo tem é uma credencial, que fazem na COAPE para poder adentrar às unidades prisionais. Apesar disso, o grupo é muito bem organizado, contando com dias e horários fixos para o trabalho de evangelização nos presídios, e abrangendo todas as unidades prisionais de Natal e Grande Natal, e chegando a visitar até 3 presídios por dia, dependendo de qual seja esse dia.

O grupo de evangelização nos presídios, que é uma subdivisão do Departamento de Evangelismo e Missões das Assembléias de Deus (DEPEM) é coordenado pelo pastor Arlindo

José Farias do Nascimento, que faz parte do quadro de membros da Assembléia de Deus Templo Central, no Alecrim. O grupo visita a Penitenciária Dr. Francisco Nogueira Fernandes (Alcaçuz) toda Segunda-Feira e Terça-Feira, sendo que o Pr. Arlindo Farias vem no grupo da segunda-feira, que conta com aproximadamente 4 a 5 homens. O grupo que vem na terça-feira é composto por outros homens, como se fosse uma escala de trabalho. A visita da pastoral ocorre no pavilhão que estiver aberto para o banho de sol no dia, ou seja: a equipe da segunda-feira visita o pavilhão 2 e o pavilhão 3, e a equipe da terça-feira visita o pavilhão 1 e o pavilhão 4. Os cristãos da pastoral utilizam em seus cultos violões, pandeiros e a voz, que é o instrumento de transmissão da mensagem e do louvor, cantado entre eles. Distribuem bíblias, aconselham e lêem a bíblia, assim como cantam canções juntos.

Acerca da receptividade dos internos, o pastor falou que “é muito boa, mas que ainda falta muito para que a maioria dos internos sinta necessidade em participar de todas as reuniões e cultos da pastoral carcerária” (informação verbal)<sup>10</sup>.

A assistência católica da pastoral carcerária contava com um outro grupo, formado só por mulheres, mas em entrevista à atual Diretora, Sra. Dinorá Simas, ela afirmou que “esse grupo, por ter que passar pela revista íntima em todas as visitas, procedimento corriqueiro em unidades prisionais, se aborreceu e se sentiu ofendido, não mais retornando a essa unidade prisional” (informação verbal)<sup>11</sup>.

#### **2.4.6. Projeto de Assistência à Saúde do Sistema Penitenciário do RN**

O atual plano de saúde do sistema penitenciário foi composto a partir de setembro/2012, através de reuniões entre o Coordenador do Sistema Penitenciário, Dr. Ailson Dantas, e os agentes prisionais convidados a comporem o grupo. Em entrevista à agente que trabalha como dentista no projeto, a Hindiane Medeiros ela explicou que:

foi exigido da responsável do projeto, Nairan Andrade, que é uma das psicólogas e vice-diretora do Hospital de Custódia, um plano ou projeto de assistência à saúde do sistema prisional do RN, e foi feito uma adequação do Plano Nacional de Saúde (PNS) por parte da responsável para ser apresentado ao coordenador (informação verbal)<sup>12</sup>.

---

<sup>10</sup>Informação fornecida por Arlindo Faria José do Nascimento, pastor que lidera a evangelização no PEA, mediante entrevista no PEA, em Nísia Floresta, em outubro de 2012.

<sup>11</sup>Informação fornecida por Dinorá Simas Deodato, diretora do PEA, mediante entrevista no PEA, em Nísia Floresta, em outubro de 2012.

<sup>12</sup>Informação fornecida por Hindiane Medeiros, agente penitenciário feminino que trabalha como dentista no PEA, mediante entrevista no PEA, em Nísia Floresta, em outubro de 2012.



O grupo é composto, além da dentista e da psicóloga supracitada, de mais 2 psicólogos e 1 enfermeira. O trabalho dos profissionais da saúde são, num primeiro momento, direcionados à unidade de Penitenciária Dr. Francisco Nogueira Fernandes (Alcaçuz) e ao Presídio Provisório Raimundo Nonato. Na segunda-feira na Penitenciária Estadual Dr. Francisco Nogueira Fernandes (Alcaçuz), e na terça-feira no Presídio Provisório Raimundo Nonato. Eles tinham em vista convidar um médico, clínico geral, para integrar o projeto, porém a pessoa indicada tem vínculo com a prefeitura de Parnamirim, sendo ele servidor municipal, portanto não é permitido o acúmulo. Está sendo dada a prioridade a agentes do próprio Sistema Penitenciário do RN para realizar esse projeto, ou seja, aproveitando o vínculo estadual que os mesmos já possuem para reaproveitá-los e redirecioná-los à sua área de formação.

Ainda em entrevista à representante do projeto, Dr. Hindiane Medeiros, pedi para que enumerasse o material e a infra-estrutura existente na unidade para esse tipo de trabalho. A mesma informou que:

o consultório dentário existente na unidade contava com alguns Fóceps (Alicates Grandes), 3 porta-agulha, 3 sindesmótomo (Alavanca para a gengiva), Equipo odontológico, que é a cadeira do dentista, Autoclave para esterilização do material, armário para estocagem de material como luvas, máscaras, esparadrapo, uma pia para limpeza das mãos, um Fotopolimerizador (para enrijecer a resina) e um Amalgamador (para manipular a Amálgama). Os 2 últimos equipamentos listados estavam em total sucateamento e desuso, visto que não havia a matéria prima (resina e amálgama) para trabalhar. Sequer havia broca, para poder fazer procedimentos como obturações, restaurações e canais. (informação verbal)<sup>13</sup>.

A impressão que fica para quem vê e convive com a saúde (ou falta de saúde) do sistema prisional do estado é desastrosa, tem-se a impressão de quem está recluso pode morrer amíngua, em casos mais graves, como tuberculose e Human Immunodeficiency Virus (HIV). Inclusive já aconteceu comigo um caso de óbito, em que o paciente recluso já estava com um quadro grave de tuberculose, e solicitou atendimento. Com toda a morosidade da logística, ou seja, até que levasse esse apenado para o hospital, que fica a uns 25 km, e ao chegar lá, perceber que não havia atendimento adequado, sendo o paciente recluso jogado nos corredores sem um acompanhamento adequado, o mesmo tombou com falta de ar, e ao tentar levantá-lo ele morreu em meus braços. Tentaram reanimá-lo, porém sem sucesso. Isso é

---

<sup>13</sup>Informação fornecida por Hindiane Medeiros, agente penitenciário feminino que trabalha como dentista no PEA, mediante entrevista no PEA, em Nísia Floresta, em outubro de 2012.

inadmissível no sistema penitenciário, se a Lei de Execução Penal fala em assistência a saúde, que houvesse um clínico ou especialista 24h na unidade, é o mínimo que se podia fazer. Me lembro que, há pouco, em crítica à gestão do Governo e da Prefeitura de Natal, uma candidata à vereadora perguntou à atual gestão estadual e municipal no seu programa de campanha se não seria melhor que se falasse de uma vez que não se podia adoecer em Natal. E é exatamente esse o sentimento e a impressão que acabamos tendo do sistema de saúde público.

Nos casos de doenças odontológicas, muitas vezes uma simples restauração ou canal resolveria, mas devido à inexistência de recursos nas unidades para esse tipo de procedimento, a saída quase sempre é arrancar os dentes, gerando um problema muitas vezes precoce, que poderia ser evitado.

#### **2.4.7. Projeto Didático-Pedagógico Musical Som que Liberta**

**DESCRIÇÃO:** Projeto de educação musical voltado para o público que vive em sistema de reclusão, seja em pena privativa de liberdade, ou restritiva de direitos, em todo o sistema prisional do RN, onde o reeducando terá a oportunidade de ver fundamentos do violão, percussão, teclado, canto, guitarra, contrabaixo, flauta doce e notação musical, a princípio sob a ótica de um aspecto lúdico e de reintegração social, e a partir de um dado momento, dando o caráter profissionalizante ao curso, complementando e corroborando assim com os demais projetos de ressocialização formais e informais existentes no sistema, a saber: programa pintando a liberdade, programa reciclar e renascer, projeto de horta, padaria, rancho, lavajato, transformação de óleo usado em sabão, etc.

**OBJETIVOS GERAIS:** ministrar aulas de música em todas as unidades prisionais de Natal e grande Natal, a fim de humanizar a pena, resgatar os valores éticos e morais do reeducando, resgatar a dignidade e a auto-estima, e colaborando para a execução do tratamento penal adequado do cidadão recluso. Num momento em que o projeto fosse implantado, e revelasse a sua eficácia, separar-se-iam os reeducandos que mostrassem maior habilidade, para serem os monitores de suas unidades, e a estes daríamos o curso com caráter profissionalizante, ou seja, um nível acima do lúdico. Isso possibilitaria que o reeducando figurasse em bandas ou escolas de música, como profissional, após o cumprimento de sua pena, em face da nova Lei 11.769/2008 (BRASIL, 2008), que traz a obrigatoriedade do ensino de música como conteúdo da educação básica. E também a busca da educação continuada em um curso técnico ou superior para sua formação. No projeto, visamos também a formação de

bandas, corais, trios e quartetos nas unidades, que serviria como uma espécie de laboratório, de prática de conjunto, para por em prática o conteúdo dado em sala de aula.

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS:** num primeiro momento, devido a falta de recursos, conhecimento e anuência da secretaria, junto com a coordenação, o projeto seria feito da seguinte forma: iniciaria na Penitenciária Francisco Nogueira Fernandes, pegando os apenados do setor de faxina, copa, cozinha e fábrica de cartuchos e fazendo uma aula de 2 horas semanais, sendo que as aulas seriam coletivas, em turmas de 5 alunos. Iniciaria com os violões do projeto Libertasom, que foi ministrado pela professora americana Mary Ellen Stitt, que estava na ocasião fazendo pós-graduação em música pela fundação Fulbright de New Orleans, Estado da Louisiana. Se deu no ano de 2009, no mês de junho em alcaçuz, e perdurou durante aproximadamente 6 meses.

**MATERIAL NECESSÁRIO:** A sala pode ser uma sala climatizada de 4x4m, como a sala de audiências. É preciso também um quadro branco com pentagrama, com um ou dois lápis de álcool e um apagador. Esse projeto fará parte da monografia do Aluno do curso de licenciatura em música da UFRN, professor Daniel Ribeiro.

**CRONOGRAMA DE AULAS:** As aulas, conforme tabela abaixo estão configuradas com um enfoque na iniciação musical e técnica ao violão, ou seja, parte do pressuposto que o aluno é iniciante. É um programa semestral, de 25 aulas, onde cada aula acontece semanalmente.

**Quadro 1** – Cronograma de aulas

<b>AULA</b>	<b>CONTEÚDO</b>	<b>OBJETIVO</b>
Aula 1	Propriedades do som	Familiarizar-se com os conceitos de altura, duração, intensidade e timbre
Aula 2	Famílias dos instrumentos: história do violão e introdução à nomenclatura do instrumento	Conhecer a origem do violão, os modelos atuais e as partes que o compõe
Aula 3	Nomenclatura das mãos e dedos	Entender a função de cada mão e cada dedo
Aula 4	Diagramas de acordes	Aprender a visualizar o acorde através dos diagramas
Aula 5	Cifragem de tríades	Entender a convenção de cifras
Aula 6	Execução de tríades maiores naturais com cordas soltas	Assimilação dos primeiros acordes



Aula 7	Execução de tríades maiores naturais com pestana	Assimilação dos primeiros acordes
Aula 8	Execução de tríades menores naturais com cordas soltas	Assimilação dos primeiros acordes
Aula 9	Execução de tríades menores naturais com pestana	Assimilação dos primeiros acordes
Aula 10	Revisão e Repertório	Sugestão de repertório para fixação de acordes
Aula 11	Execução de tríades maiores acidentadas, com cordas soltas e pestana	Trabalhar os sustenidos e bemóis
Aula 12	Execução de tríades menores acidentadas, com cordas soltas e pestana	Trabalhar os sustenidos e bemóis
Aula 13	Progressões harmônicas com tríades	Executar imprimindo um ritmo e uma ordem de execução aos acordes
Aula 14	Introdução aos ritmos : balada	Falar sobre a origem do estilo, referências e mostrar a execução ao violão
Aula 15	Introdução aos ritmos: baião	Falar sobre a origem do estilo, referências e mostrar a execução ao violão
Aula 16	Revisão e Repertório	Sugestão de repertório para fixação de acordes e ritmos
Aula 17	Conceitos musicais: Harmonia, melodia, ritmo e intervalos	Entender como esses conceitos se fundem na música
Aula 18	Introdução a inversão de tríades: 1º inversão	Mostrar a mudança da posição do baixo do estado fundamental para a terça
Aula 19	Inversão de tríades: 2º inversão	Mostrar a mudança da posição do baixo do estado fundamental para a quinta
Aula 20	Introdução a estudo de efeitos de encadeamento e clusters através do uso de acordes com cordas soltas	Prática de acordes raros e exóticos
Aula 21	Introdução à tríades com tensões	Adicionar o uso de tensões 6, 9 e 4 às formas que já foram estudadas anteriormente
Aula 22	Tríades com tensões (continuação)	Adicionar o uso de tensões 6, 9 e 4 às formas que já

		foram estudadas anteriormente
Aula 23	Introdução a técnica de dedilhado	Mostrar a técnica de tanger sucessivamente, dedilhando as cordas
Aula 24	Prática de ritmos: samba	Abordar a origem, referências do estilo e como tocar ao violão
Aula 25	Revisão e repertório	Sugestão de repertório para fixação dos conteúdos

**Fonte:** o autor (2012)

**AVALIAÇÃO:** Os repertórios trabalhados periodicamente em sala de aula são uma espécie de fixação e avaliação geral, mas há também a aplicação de provas práticas, com o emprego de acordes estáticos, progressões harmônicas e ritmos em questões, para poder avaliar o aluno.

### **3 RELATO DE EXPERIÊNCIA: O ENSINO DE VIOLÃO PARA APENADOS DA PENITENCIÁRIA DOUTOR FRANCISCO NOGUEIRA FERNANDES (ALÇAÇUZ)**

#### **3.1 SURGIMENTO DO PROJETO LIBERTASOM**

As oficinas de violão por mim ministradas no PEA surgiram a partir da percepção da necessidade da implantação e execução de um tratamento penal adequado ao público prisional, que na unidade supracitada já contava com vários projetos de ressocialização, inclusive com bons resultados, mas nenhum de conteúdo artístico ou cultural. No ano de 2009, com a anuência da Secretaria de Justiça e da Coordenação de Administração Penitenciária, foi implantado o projeto **Libertasom** na Penitenciária Estadual de Alcaçuz, através da Professora americana Mary Ellen Stitt e do monitor Leonardo Alves dos Santos, estudante de ciências sociais da UFRN. Esse projeto consistia num primeiro momento iniciar oficinas de violão, como foi feito com alguns alunos, e posteriormente criar laboratórios de prática de conjunto, como corais e grupos. Apesar do conhecimento dos órgãos supracitados em relação ao projeto, não houve patrocínio nem interesse em financiamento do projeto, que mais que depressa se dissolveu. Tanto pelo motivo da partida da professora Mary Ellen para sua terra natal, como pela inviabilidade técnica, material e financeira do Monitor Leonardo continuar o projeto sozinho. O Projeto **Libertasom** (ver Figura 10) foi, no final de 2009, apresentado à coordenação da graduação em música da Escola de Música da UFRN (EMUFRN), a fim de achar algum voluntário que se propusesse a dar continuidade, o que não aconteceu, devido a uma série de fatores. A unidade prisional se localiza demasiadamente afastada do centro urbano, na extrema região metropolitana de Natal. O acesso é extremamente esburacado, com uma estrada de acesso ao presídio que é praticamente carroçável, imprópria para veículos de passeio. Por esses e outros motivos, não há linhas de ônibus com muita frequência que passem na localidade de Alcaçuz. No período de chuvas, que figura entre os meses de junho e julho, aproximadamente, a tendência é sempre piorar o acesso à unidade. No passado, houve uma parceria da Secretaria de Justiça com os servidores que proporcionava condução (ônibus) para os agentes operacionais e administrativos, na ida e na volta, tanto do plantão como do expediente, usando como ponto de apoio o Posto Administrativo, que fica no Centro Administrativo. Mas essa parceria aos poucos foi sendo descumprida e dissolvida por parte da administração. Em épocas de reivindicação do corpo de servidores, inclusive com ameaças de greve, o Secretário da pasta, extra-oficialmente, alterou

a escala de 24x72 para 24x96<sup>14</sup>, para compensar a falta de transporte para os servidores. Porém, com os constantes apelos de outras unidades em relação à equiparação da escala após a ciência do fato, foi extinta essa escala diferenciada para os servidores de Alcaçuz, e continuou sem transporte da mesma forma.

**Figura 10** – Professora Mary Ellen na oficina de violão



**Fonte:** CENTRO DE REFERÊNCIA EM DIREITOS HUMANOS DA UFRN (CRDH/UFRN). [Professora Mary Ellen atuando na oficina de violão]. 2009. Arquivo.

### 3.2 IDEALIZAÇÃO DO PROJETO SOM QUE LIBERTA

No mês de Setembro de 2012 iniciou-se o projeto **Som que Liberta** na Penitenciária Dr. Francisco Nogueira Fernandes. O projeto enfrenta a problemática da necessidade de assistência social e cultural/artística ao preso e ao semi-aberto, que é responsabilidade do governo até 1 ano após egresso do sistema prisional, segundo a Lei de Execução Penal, que trata mais claramente desse tema no inciso VI do artigo 41 (BRASIL, 1984). Transcrevendo as palavras do apenado **M**, podemos perceber o entusiasmo dos participantes: “Sr. Daniel, eu acho importante e bacana um projeto como esse, porque faz com que nós ocupemos nossas mentes” (informação verbal)<sup>15</sup>. Geralmente, os que falam na necessidade de ocupar a mente são os apenados que tem a pena mais longa, como o personagem supracitado, que já cumpre

<sup>14</sup>Escala de plantão em horas.

<sup>15</sup>Informação fornecida por um apenado mediante entrevista no PEA, em Nísia Floresta, em outubro de 2012

em torno de 13 anos no Presídio de Alcaçuz pelo artigo 121 (BRASIL, 1940), e deve cumprir mais 12 anos antes de sua saída.

O projeto, a princípio, foi direcionado aos apenados que já trabalhavam na administração, como cozinheiros, faxineiros, e apenados que trabalham como agentes administrativos, a despeito dos muitos apelos de presos de outros setores querendo igualmente participar. Então, os requisitos para participar eram muito claros: ser trabalhador do presídio, estar inserido no programa de remição, ser alfabetizado, ter bom comportamento e boa conduta intramuros, demonstrar sanidade mental e física. O convite era feito informalmente da minha parte para os alunos. Num momento posterior, após o aluno apenado já ter iniciado nas oficinas de violão, eu sempre aplicava o questionário (ver Apêndice A), que era mais uma forma de conhecer o aluno apenado e permitir que ele fizesse uma reflexão a respeito das atividades nas oficinas de violão. A 1º turma era composta 5 alunos apenados, sendo eles 2 faxineiros, 1 cozinheiro e dois presos que trabalhavam no setor administrativo. A 2º turma eu convidei para participar, pois eram todos que trabalhavam na remanufatura de cartuchos, que somavam 4 alunos. Fiz essa parceria com os trabalhadores do projeto Reciclar e Renascer, uma pelo fato de eles terem todos os equipamentos para Xerox e impressão do material didático para todas as turmas, e por outro lado por saber que entre eles havia já alguns com um bom conhecimento e vivências musicais. Porém, ao terem se iniciado nas atividades do projeto, também foram submetidos ao procedimento técnico-classificatório através do questionário que havia sido elaborado.

No projeto Som Que Liberta original, redigido e entregue à administração, havia objetivos descritos que não foram alcançados nessa primeira fase de execução. Foi redigido no projeto que a proposta era a implantação das oficinas de educação musical nas unidades prisionais de Natal e Grande Natal, porém de forma a reverter a minha carga horária de servidor, que era de 40 horas semanais, integralmente nesse projeto. Foi solicitado também um veículo a disposição do instrutor do projeto, para transportar os instrumentos para outras unidades prisionais quando necessário. O projeto foi enviado à Ouvidoria do Sistema Penitenciário do RN, e à Assessoria de Comunicação da Secretaria de Estado da Justiça e Cidadania, respectivamente. Infelizmente, o Estado não concedeu apoio material. Os violões utilizados são instrumentos deixados pelo projeto Libertasom, que segundo algumas entrevistas controversas (informação verbal)<sup>16</sup>, os apenados afirmaram que “foi dos recursos da própria Professora Mary Ellen Stitt, e outros afirmaram que os violões foram recursos da

---

<sup>16</sup>Informação fornecida por um apenado mediante entrevista no PEA, em Nísia Floresta, em outubro de 2012.

fundação Fullbright, da qual a Professora fazia parte”. São aproximadamente 10 violões, e estavam em estado deplorável: sujos, empoeirados, arranhados, sem capa, faltando cordas ou com cordas muito velhas, alguns estavam faltando pestana, rastilho, e alguns até com a parte do headstock partido. Compramos alguns jogos de cordas novas, e aos poucos fomos consertando os outros que demandavam mais do que uma simples troca de cordas.

No concernente ao apoio institucional, tivemos apenas uma sala cedida, que era a sala de audiências internas, para transformar eventualmente em sala de aula de música. Tínhamos nessa sala quadro branco, com marcador e apagador improvisados, ar condicionado, carteiras de braço que eram suficientes para os alunos, porém estando muito aquém do que realmente precisaríamos.

### 3.3 COTIDIANO DAS AULAS NA TURMA 1

**Figura 11** – Primeiras aulas na turma 1



**Fonte:** o autor (2012)

Nas aulas de música trabalhamos um programa que inicia o aluno no conhecimento atual e historicamente contextualizado do violão, com abordagem sobre a nomenclatura dos violões, partes e sub-partes, e os diversos modelos, tanto os atuais como os precursores. Foram mostrados através de ilustrações e figuras o alaúde, o violão acústico, violão eletroacústico, violão folk, violão fretless, baixolão, violão cutaway, violão de 12 cordas, modelo flat, modelo jumbo, modelo ovation e, por fim, o modelo silent (popularmente conhecido como violão vazado, muito divulgado por ser bastante usado há anos atrás pelo cantor Caetano Veloso.) Foi passado um texto impresso mostrando a origem do violão, desde o seu ancestral alaúde até o violão espanhol, e finalmente contextualizado na Música Brasileira. Trabalhamos a divisão ilustrada das mãos no violão, a função de cada mão, e os nomes e

números dos dedos usados no violão, a saber: dedo polegar, indicador, médio, anelar e mínimo na mão direita, dedo 1, 2, 3 e 4 na mão esquerda. Vale salientar que pouquíssimos métodos utilizam a nomenclatura da classificação dos dedos considerando o dedo mínimo da mão direita, mas eu optei por usar, visto que é necessária sua utilização nas execuções de acordes com tipologia téttrade acrescido de tensões. Trabalhamos também as propriedades do som, conteúdo imprescindível no entendimento da música. Esse conteúdo aborda e questionam elementos como timbre, altura, duração e intensidade/dinâmica, e mostra os sons que se percebem no nosso próprio corpo, e na natureza. Foram abordados também em sala de aula os elementos que compõe o som, sendo eles o ritmo, a harmonia e a melodia. Falamos sobre a diferença entre o conceito de notas e acordes, visto que genericamente as pessoas costumam se referir a acordes com o termo **notas**.

Num segundo momento das aulas, vimos o conceito de diagramas de acordes, com indicação de cordas tangidas, cordas pressionadas, casas, digitação e convenção de cifras para acordes. Começamos com cifras para tríades maiores e menores, principalmente das tonalidades naturais. Trabalhamos também a execução desses acordes com cifras, num dado momento com a execução em **rubato**, e após marcando um compasso quaternário, e deixando o acorde soar 4 tempos. Mais a frente, gradativamente, inserimos progressões harmônicas, ou seja, treino para execução de acordes consecutivos com duração pré-definida. Falamos também sobre campo harmônico (superficialmente), escala cromática, enarmonia, intervalos e acidentes.

Trabalhamos o repertório em sala de aula, com as letras das músicas cifradas, de fácil compreensão. Nessa etapa, o mais difícil era selecionar músicas que todos conhecessem a melodia, e pudessem cantar juntos. Mas eu me limitei a utilizar músicas gospel, visto que a prática religiosa é uma constante na prisão, e músicas folclóricas, muitas vezes até de domínio público. A seguir, enumero alguns exemplos de canções trabalhadas em sala de aula.

- 1 – Quero que valorize (Armando Filho)
- 2 – Deus cuida de mim (Kleber Lucas)
- 3 – Felicidade (Lupicínio Rodrigues)
- 4 – Atirei o pau no Gato (Domínio Público)
- 5 – Peixe vivo (Domínio Público)
- 6 – Meu Erro (Paralamas do Sucesso)

A metodologia empregada teve de ser bastante diversificada entre as turmas e os alunos, devido à heterogeneidade dos mesmos. O apenado **R**, membro da faxina interna, que inclusive já foi supracitado, foi gradativamente mostrando que seria, naturalmente, um valoroso monitor da turma 1. Natural de Imperatriz, município do estado do Maranhão, porém com residência fixa em Belém do Pará, afirmou “ter tido aulas de violão particular na vida anteaecta ao cárcere. Poucas aulas, porém que foram de grande valia para o seu desenvolvimento musical” (informação verbal)<sup>17</sup>. **R** tinha uma farta vontade de sair da prisão e gravar um CD, sonhava em trabalhar e viver de uma carreira gospel. Demonstrava habilidade harmônica, melódica, de execução da mão direita, e inclusive no canto também, diferente dos outros. Tive que trabalhar um programa diferenciado com ele, ou seja, a parte, baseado em escalas, improvisação, e acordes mais elaborados, com tensões, inversões, supressões, dobras, e técnica de pestana. E ele, naturalmente, se mostrou bastante grato.

Os apenados tinham tido experiências musicais diversificadas na vida anteaecta ao cárcere, portanto a vivência e a desenvoltura cognitiva deles nas oficinas de violão também se mostraram diferentes. O apenado **G**, da turma 1, afirmou “ter tido aulas de teclado e canto com o Professor Daniel Batista, da escola de música da Assembléia de Deus templo Central” (informação verbal)<sup>18</sup>. O apenado **A**, da turma 1, disse, em entrevista que havia sido baterista e percussionista de bandas profissionais da região, e coincidentemente, participou de bandas das quais eu já havia participado também, mesmo que em épocas diferentes. Lastimava bastante sua estadia na cadeia, antes dela tinha emprego e residência fixa, e estava lá por um erro do advogado, que não deu entrada numa petição que tinha que dar, e muitos anos depois, por causa disso, ele foi procurado pela justiça e preso. Mas não se deu por vencido, estava remindo a pena através do trabalho de cozinheiro, e, aliás, era o melhor cozinheiro do presídio, na opinião geral dos plantonistas e administrativos. E nas horas de folga, participava das aulas de música, demonstrando bastante satisfação com a atividade (informação verbal)<sup>19</sup>.

O aluno apenado **H**, da turma 1, disse “não ter tido muita vivência com a música. Tivera um familiar que era violinista, inclusive que tocava na Orquestra Sinfônica da UFRN. Porém não o influenciou a procurar a música. Havia se iniciado na prisão mesmo, mas estava demonstrando uma boa desenvoltura”(informação verbal)<sup>20</sup>. Como todo educador, gosto de destacar os desafios que me advêm na vida docente. Na turma 1, destaco a vivência musical que tive com o apenado **G**, da turma 1, por ter visto, como poucas vezes, a necessidade de me

<sup>17</sup> Informação fornecida por um apenado mediante entrevista no PEA, em Nísia Floresta em outubro de 2012

<sup>18</sup> Informação fornecida por um apenado mediante entrevista no PEA, em Nísia Floresta, em outubro de 2012

<sup>19</sup> Informação fornecida por um apenado mediante entrevista no PEA, em Nísia Floresta, em outubro de 2012

<sup>20</sup> Informação fornecida por um apenado mediante entrevista no PEA, em Nísia Floresta, em outubro de 2012



reinventar. O apenado **G** era um senhor de aproximadamente 65 anos, suboficial aposentado das forças armadas. Foi preso e condenado a 6 anos no artigo 217 (BRASIL, 1940), segundo ele, “por uma acusação infundada de uma criança que era sua vizinha, e que o acusou de assédio sexual” (informação verbal)<sup>21</sup>. A despeito desse fato, estava remindo sua pena com o trabalho no almoxarifado do presídio, onde se guardam os alimentos não perecíveis, pertences dos apenados que chegam, material de escritório, material de higiene e limpeza, entre outros.

O apenado **G**, da turma 1, devido a sua idade, demonstrava uma certa dificuldade em visualizar o quadro branco, e os diagramas impressos nos materiais das aulas, como se estivesse com a visão prejudicada. Reclamava da cor do marcador, que era um verde claro, e ao executar o violão, também ficava sempre atrás do resto da turma, tocando os acordes isolados e estáticos, porém não conseguindo acompanhar as progressões harmônicas. Então, fiz alguns procedimentos individuais de reforço com o mesmo, e gradativamente ele foi amalhando e assimilando o conhecimento, talvez não ao ponto de se nivelar ao resto da turma, mas com um desenvolvimento satisfatório. É como o exemplo do personagem de Mr. Holland no filme **O adorável professor**, de 1995. (PENNA, 2010). Ele recebe um aluno que é um grande jogador do time da escola, mas que por ter rendimento acadêmico muito baixo, o treinador manda ele procurar outra atividade acadêmica correlata. Ambos o aluno e o professor, Mr. Holland hesita em seguir com esse desafio de incluir o jogador na banda de música e nas aulas, visto que o instrumento sugerido para ele foi o bumbo, e nunca dava certo, pelo fato de o aluno ser muito ruim de tempo e de divisão rítmica. Após um certo tempo, ao comentar para o treinador do time que não conseguia ensinar o aluno de forma alguma o instrumento, Mr. Holland ouviu uma dura verdade do treinador: se você não consegue ensiná-lo, o problema está em você, e não nele. Reinvente-se! A princípio, Mr. Holland não queria aceitar, mas resolveu tentar. Chamou o aluno, insistiu, passou horas a fio, dias intermináveis tentando ensiná-lo, regendo, marcando o tempo com os pés, com as mãos, com a batuta, e enfim... O filme mostra posteriormente a cena do aluno executando o bumbo com maestria na banda da escola, e sendo parabenizado pelo professor Mr. Holland.

### 3.4 COTIDIANO DAS AULAS NA TURMA 2

---

<sup>21</sup> Informação fornecida por um apenado mediante entrevista no PEA, em Nísia Floresta, em outubro de 2012

**Figura 12** – Aulas da turma 2

**Fonte:** o autor (2012)

Na turma 2, iniciei as aulas após o início da 1ª turma, mas eles praticamente se igualaram cronologicamente em conteúdo, visto que pareciam muito bem desenvolvidos musicalmente. Com exceção do apenado **C**, da turma 2, nenhum deles havia tocado antes do cárcere. Tinham familiares que eram músicos, mas não seguiram a mesma atividade da família.

Destaco a vivência musical que tive com o apenado **M**, da turma 2, que nas primeiras aulas posicionou o violão do lado canhoto, e me gerou uma grave preocupação: eu nunca houvera ensinado um canhoto antes! Ele falou que “além de inverter o lado do violão, invertia as cordas” (informação verbal)<sup>22</sup>. Ao pensar como faria, que metodologia usar com o apenado, comecei a pesquisar instrumentistas que assim tocavam, e pesquisando percebi que um dos grandes nomes da guitarra no Brasil, o Kiko Loureiro, era canhoto para desempenhar funções gerais com os membros, mas tocava do lado destro. Então pensei: por que não seguir a mesma tendência, e sugeri-la ao apenado e aluno **M**? E assim o fiz, e ele tem assimilado o conteúdo proveitosamente.

Outro aluno apenado da turma 2, o **W**, ao participar da aula onde foram abordados a classificação das mãos e dos dedos no violão, ele mostrou que tinha feito um procedimento cirúrgico no dedo mínimo da mão direita, que havia anulado os movimentos desse dedo, e me perguntou como faria para utilizá-lo, já que possuía essa. Como não chegamos ainda nos acordes mais completos, que são as tétrades com tensões, preferi deixar a questão em aberto e pesquisar uma forma de sanar esse problema.

<sup>22</sup> Informação fornecida por um apenado mediante entrevista no PEA, em Nísia Floresta, em outubro de 2012

O material utilizado na aula foi principalmente o **Dicionário de Acordes Cifrados - Harmonia Aplicada à música popular**, importante guia na estruturação dos diagramas e acordes. Trabalhei bastante o repertório desse dicionário também nas aulas. Para os alunos mais avançados, como foi o caso do aluno **R**, me utilizei também do livro **Acordes, Arpejos e Escalas**.

## 4 O ENSINO DE VIOLÃO COMO MEIO DE RESSOCIALIZAÇÃO DE APENADOS

### 4.1 O QUE É A RESSOCIALIZAÇÃO?

A ressocialização é o processo em que, tendo o homem perdido a capacidade de conviver em sociedade, por ter sido julgado culpado de um delito ou contravenção, ou por alguma incapacidade mental, perde o direito de ir e vir, ou se restringe-lhe alguns direitos, e, por conseguinte, aplica-se nele os processos e práticas para que ele se insira novamente nessa mesma sociedade. Muitos acreditam que a própria pena privativa de liberdade ou restritiva de direitos, ou ainda medida de segurança para os inimputáveis é um fator ressocializante. Mas a falência do sistema prisional Brasileiro e do Sistema Único de Saúde (SUS) por si só prova que estamos longe de entender o sentido da palavra ressocialização. A respeito da ressocialização, Oliveira (1996, p. 92-93) afirma:

A quase totalidade da população carcerária brasileira é composta de pessoas pobres, em que 85% é analfabeta. [...] Salvo Algumas exceções, este é o doloroso quadro da estrutura e das características intrínsecas do nosso atual sistema prisional. Sem dúvida, são inúmeras as conseqüências de tantas precariedades, o que demonstra, por outro lado, de forma bastante clara, o descaso e a discriminação a que foi relegada a situação prisional no país, e a violência e o aviltamento em que estão sujeitas essas pessoas que se pretendem ressocializar algum dia.

Ainda segundo Souza (1978), se a maioria da massa carcerária nunca foi educada, como se pode reeducá-la? É preciso que haja um planejamento de políticas públicas, um governo comprometido com a ressocialização. Os programas dentro das unidades tem aumentado, mas muitas vezes o básico da saúde, da alimentação, higiene e vestuário não é observado nem levado em conta nas unidades prisionais. Ora, se qualquer bilhete de aposta da loteria federal que se paga tem no verso dizendo que 3,14% é destinado ao Fundo Penitenciário Nacional, vinculado ao Departamento Penitenciário Nacional (FUNPEN/DEPEN) será que é dinheiro que está faltando? Acho que essa soma daria pelo menos alguns bilhões de reais por semana. É preciso saber gerir, e ter vontade de fazer uma boa gestão. É preciso acabar com as gestões fraudulentas, que são nos moldes dos velhos cabides de empregos, pessoas que são empossadas como gestores sem nada entenderem de sistema prisional, apenas por interesses políticos.

#### 4.2 COMO AS OFICINAS DE VIOLÃO NO PEA TÊM FUNCIONADO?

As oficinas de violão, a princípio, foram marcadas para acontecer todas as sextas-feiras, com duração de uma hora aula para cada turma. Infelizmente, às vezes esse dia precisa ser mudado, por uma série de fatores: se for dia do meu plantão, devo mudar, pois não posso ministrar a aula durante meu horário de atividades operacionais; se os alunos apenas estiverem trabalhando, devo remanejar o dia ou somente o horário para me adequar a eles; se o clima no presídio estiver muito tenso, com alguma incidência de fuga, ou motim, ou rebelião, devo adiar a aula, por entender que não é recomendável fazer as atividades em caso de algum desses acontecimentos. Já houve casos em que alguns deles não participaram, por estarem doentes ou indispostos, o que é corriqueiramente comum.

Como já foi explicado anteriormente, alguns naturalmente demonstram maior desenvoltura ao toque do violão, como o apenado **R**, que foi convidado para ser monitor da turma 1. Com ele é necessário trabalhar um programa diferenciado, que inclui acordes avançados, com tensões e escalas para improvisação. Para minha surpresa, até composições o apenado **R** foi capaz de produzir (ver Anexos C e D). Com os outros, tenho trabalhado o conteúdo de forma progressiva, gradativa e com enfoque para iniciantes. Na turma 2, dois apenados mostraram ter um domínio satisfatoriamente visível do violão. O apenado **C**, que já tocava antes do cárcere, tinha uma boa noção de acordes e ritmos, arriscando inclusive uma palhinha. Em uma determinada aula o apenado **C** começou a tocar a canção Meu Erro (Paralamas do Sucesso), e eu prontamente o acompanhei. O apenado **M** também demonstrou uma boa habilidade ao violão, mas a habilidade dele se restringia à velocidade e facilidade de assimilação. Não demonstrava conhecimento prévio do que fazia. Em ambos os casos não vi a possibilidade de nomear um monitor, como havia feito na turma 1, até mesmo pela falta de interesse e iniciativa deles nesse sentido. Um caso atípico me chamou a atenção: o apenado **F**, que manifestou interesse em ingressar na turma 2 após o início das aulas, disse que era compositor. Cantou algumas de suas músicas para mim, que eram mais swingueiras e arrochas (músicas populares que são bastante tocadas em carnavais). Falou também que o instrumento dele era o contrabaixo, e que tocava com seu irmão desde adolescente no município de Nova Cruz/RN (informação verbal)<sup>23</sup>.

Não é comum ver um apenado que já teve experiência com o contrabaixo, por ser um instrumento de custo aquisitivo mais alto do que o violão, e por ser visto pelas pessoas como

---

<sup>23</sup> Informação fornecida por um apenado mediante entrevista no PEA, em Nísia Floresta, em outubro de 2012

um instrumento de elevado nível técnico de aprendizado. Também se percebe no meio musical que, de um modo geral, os contrabaixistas são músicos que se iniciaram no violão ou no teclado/piano, e por uma questão de menor demanda e, conseqüentemente, menor concorrência e maior viabilidade, escolheram o contrabaixo para seguir adiante.

## 5 RESULTADOS

Os resultados da oficina desde o início foram prontamente percebidas. Os alunos trabalhavam melhor, e tinham uma convivência melhor na unidade prisional e no meio familiar após a participação nas oficinas de violão. Demonstravam satisfação em estarem participando de uma atividade lúdica e vivencial que trazia benefícios para ele, e outros até sonhavam com a profissionalização e a perspectiva de uma carreira musical.

Outro fator que culminou com a expansão do Projeto **Som que Liberta** foi a parceria com a ASSECOM/SEJUC, a Assessoria de Comunicação da Secretaria. No momento em que soube do projeto, a ASSECOM informou aos principais veículos de comunicação da capital, e fomos entrevistados e fotografados, sendo posteriormente publicado nos jornais impressos, telejornais, portais de notícias, blogs e redes sociais, e culminando com o conhecimento do público. Como eu havia falado nas entrevistas que o projeto era voluntário e não contava com nenhuma parceria material e financeira do poder público e privado, logo apareceram pessoas interessadas em fazer doações para o projeto, e isso me deixou bastante satisfeito. Por meio da música, eu estava conseguindo sensibilizar as pessoas, tanto os alunos apenados como o público que tomou conhecimento do projeto.

## 6 PERSPECTIVAS FUTURAS

Há a perspectiva de ampliar e expandir o projeto futuramente, tanto na oferta de habilitações de instrumentos, como no alcance de outros apenados desta unidade, e de outras unidades também. É necessário organizar, além das oficinas de violão, oficinas de teclado, percussão (pandeiro e outros instrumentos de samba), flautas e canto. Como sou formado técnico em Contrabaixo na EMUFRN e tenho uma extensa vivência na área de performance do instrumento, poderia organizar um programa de aulas de Contrabaixo na unidade prisional, visto que já ocorre uma certa demanda. Essa atividade dependeria, entre outras coisas, de um amplificador e um instrumento para estudo. Pretendo também formar grupos de laboratório musical, para funcionar como uma espécie de prática de conjunto. Seria um grupo de samba e um coral no presídio. Se faz necessário, na parte artística, a viabilidade de oficinas de artesanato e pintura, assim como o Presídio Provisório de Curitiba. O Projeto conta atualmente com um patrocinador em potencial, a Associação dos Funcionários Aposentados do Banco do Brasil, que fizeram contato e informaram que eles têm o objetivo de investir em Projetos de educação musical em ambientes prisionais. Solicitaram apenas um documento descrevendo o projeto, em formato de Projeto de pesquisa, pra ser enviado a Associação e analisado a viabilidade do patrocínio. Na parte vivencial essa expansão traria também aos reeducandos perspectivas de humanização da pena, e da prática da cidadania, mesmo em regime de reclusão. Por meio das aulas de música é possível esquecer e desviar um pouco a atenção do lugar onde eles vivem, da realidade do sistema prisional. Uma vez que os alunos apenados se detém ao trabalho, e recebem por isso (pecúlio), têm direito a auxílio reclusão (os que trabalhavam na vida anteaecta ao cárcere), estudam na educação básica, têm aulas de música, tem atividades desportivas autônomas, tem visita, tem refeições saudáveis, atendimento médico e psicológico, higiene e limpeza, é um ponto de partida para que a prisão se torne uma sociedade e, de certa forma, uma democracia cidadã, gerando a possibilidade de eles exercerem a cidadania entre eles mesmos, com algumas exceções (voto, crédito em instituições financeiras).



## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto **Som que Liberta**, trabalho de educação musical desenvolvido dentro da Penitenciária Estadual Dr. Francisco Nogueira Fernandes (Alcaçuz) a partir do 2º semestre de 2012 se mostrou, desde o início, um desafio. Desafio por ser um projeto extremamente inovador, por não ter muita base bibliográfica e literária, por não ter tido projetos de educação musical em ambientes prisionais no estado do RN que durassem muito tempo, que mantivessem uma frequência e apresentasse resultados relevantes, e por constatar que é ínfimo o número de projetos semelhantes a este no país que deram certo e apresentaram bons resultados. Além disso, não houve patrocínio estatal nem privado. O contexto em que trabalhamos é um universo onde todos querem esquecer que existe, assim como as pessoas que lá estão. É um contexto adverso, tenso e inconstante, extremamente inseguro e insalubre. É considerado por muitos a escória da sociedade. É importante ressaltar também que o material humano que se dispõe a serem objetos de estudo da pesquisa são presos condenados pela justiça, e isso dá à pesquisa um aspecto paradoxal e controverso. Ora, se a sociedade pune um homem que cometeu um crime mediante o cerceamento de sua liberdade, por que agora essa mesma sociedade irá promover aulas de educação musical dentro da unidade prisional onde esse indivíduo foi isolado, para que esse indivíduo seja ressocializado? Para alguns pode ser contraditório, mas a resposta certamente está na Lei de Execução Penal, e de uma forma mais ampla no presente trabalho de relato e pesquisa.

Por meio do trabalho de pesquisa bibliográfica e trabalho de campo realizado e descrito no presente trabalho, consideramos finalmente que existe a possibilidade de ressocialização e reintegração social do indivíduo apenado ao seio da sociedade. Não apenas por meio dos instrumentos punitivos disponíveis, mas acionando os dispositivos que os beneficiam, preconizados pela LEP, como o trabalho, o estudo, e a realização de atividades intelectuais, artísticas e desportivas num contexto intramuros. Uma vez que os direitos dos apenados são tão historicamente tolhidos (SOUZA, 1978), creio que o propósito que a sociedade fomenta, entre os seus, de cercear e anular os direitos dos reclusos, até como seres humanos que são já demonstra acentuada falibilidade e ineficácia, visto que o próprio cenário intramuros é uma escola especializada de desvio de conduta, solidão, sofrimento, abandono, privações, desespero e falta de perspectiva do futuro infundidos no ânimo do homem preso (SOUZA, 1978). Portanto, esperamos que esse trabalho de relato e pesquisa, feito com extrema dedicação e propósito, não seja relegado ao esquecimento, mas que venha a abrir novas portas

para a educação musical no contexto prisional e a conseqüente ressocialização através dessa atividade.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. **Código Penal**. 1940. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/de12848compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/de12848compilado.htm)>. Acesso em: 5 out. 2012.

\_\_\_\_\_. Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984. Institui a Lei de Execução Penal. 1984. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L7210.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7210.htm)>. Acesso em: 5 out. 2012.

\_\_\_\_\_. Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. 2008. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/lei/L11769.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/lei/L11769.htm)>. Acesso em: 5 out. 2012.

CASTRO, Orlando Gomes de. **A ressocialização de detentos da prisão provisória de Curitiba estimulada pela arte-educação**: relato de experiência. 2004. 164 f. Monografia (graduação) - Faculdade de Artes do Paraná, Curitiba, 2004.

CENTRO DE REFERÊNCIA EM DIREITOS HUMANOS DA UFRN (CRDH/UFRN). **[Professora Mary Ellen atuando na oficina de violão]**. 2009. Arquivo.

CHEDEIAK, Almir. **Dicionário de acordes cifrados**: harmonia aplicada à música popular. 10. ed. São Paulo: Irmãos Vitale, 1984.

DR. Francisco Nogueira Fernandes. 2011. Disponível em: <<http://jotamariacomarcadesaomiguel.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 11 out. 2012.

FARIA, Nelson. **Acordes, arpejos e escalas para violão e guitarra**. 8. ed. Rio de Janeiro: Lumiar, 1999.

GAIGHER, Jobert. **Por que a educação musical é fundamental na infância?** 2012. Disponível em: <<http://musicaemercado.com.br/pagina/2238/por-que-a-educacao-musical-e-fundamental-na-infancia>>. Acesso em: 6 out. 2012.

LUCENA, Roberto. Preso custa 15 vezes mais que aluno aos cofres do RN. **Tribuna do Norte**, Natal, 6 nov. 2011. Disponível em: <<http://tribunadonorte.com.br/noticia/preso-custa-15-vezes-mais-que-aluno-ao-cofres-do-rn/201796>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

MACEDO, Thyago; COSTA, Sérgio. Igor Pipolo: “penitenciárias têm que receber preso ruim e soltar uma pessoa boa”. 2011. Disponível em: <<http://portalbo.com/materia/Igor-Pipolo-penitenciarias-tem-que-receber-preso-ruim-e-soltar-uma-pessoa-boa>>. Acesso em: 10 out. 2012.

MEDEIROS, Maria Augusta Dos Santos. **Relação entre a professora de música e os alunos-presidiários**: um estudo de caso etnográfico em Santa Maria – RS. 2009. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação Musical) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

OLIVEIRA, Odete Maria de. **Prisão**: um paradoxo social. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 1996.

PENNA, Maura. Mr. Holland, o professor de música na educação básica e sua formação. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, n. 23, p. 25-33, mar. 2010.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva; MARINHO, Vanildo Mousinho. Educação musical nas escolas de educação básica: caminhos possíveis para a atuação de professores não especialistas. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, n. 17, p. 69-76, set. 2007.

RIBEIRO, Daniel; Apenado “R”. **Amor que transforma**. 2012. Música composta por partes.

RIBEIRO, Daniel; Apenado “R”. **Levanta e anda**. 2012. Música composta por partes.

SOUZA, Percival de. **A prisão**: histórias dos homens que vivem no maior presídio do mundo. 2. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

Violão Clássico. Disponível em: <<http://dc126.4shared.com/doc/Xga9k2AH/preview.html>>. Acesso em: 15 nov. 2012

Violão Cutaway eletro-acústico. Disponível em: <<http://leandroabilio.blogspot.com.br/2012/03/violao.html>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

Violão Folk. Disponível em: <<http://violaoeguitarragospel.blogspot.com.br/2010/01/breve-historia-do-violao.html>>. Acesso em: 15 nov. 2012.

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. **Kiko Loureiro**. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Kiko\\_Loureiro](http://pt.wikipedia.org/wiki/Kiko_Loureiro)>. Acesso em: 14 dez. 2012.

**APÊNDICE A – Questionário**

QUESTIONÁRIO DE PROCEDIMENTOS TÉCNICO-CLASSIFICATÓRIOS PARA PARTICIPAÇÃO NAS OFICINAS DE VIOLÃO DA PENITENCIÁRIA DR. FRANCISCO NOGUEIRA FERNANDES (ALCAÇUZ)

1. NOME COMPLETO:

2. TEMPO DE PERMANÊNCIA NA UNIDADE:

3. TEMPO DE CONDENAÇÃO E ARTIGO:

4. QUANTIDADE DE TEMPO DA PENA:

5. TEM FILHOS? QUANTOS?

6. NATURAL DE NATAL? SE NÃO É, DE ONDE É?

7. TEVE EXPERIÊNCIAS COM A MÚSICA NA VIDA ANTEACTA A DO CÁRCERE?

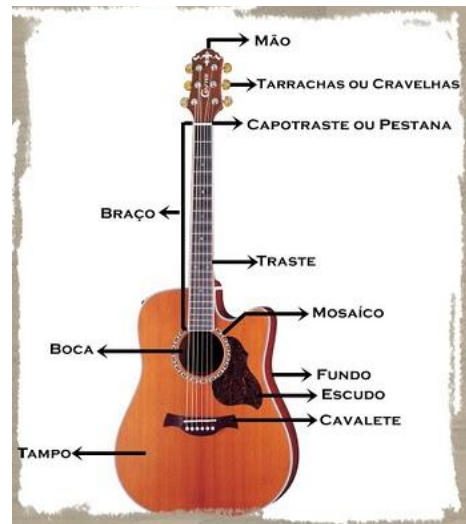
8. O QUE ESTÁ ACHANDO DAS OFICINAS DE VIOLÃO? FAÇA UMA BREVE REFLEXÃO A RESPEITO DAS ATIVIDADES.

**APÊNDICE B** - Aula de nomenclatura do instrumento, mostrando os modelos clássico, folk e cutaway eletro-acústico

**Fonte:** Violão Clássico. Disponível em: <<http://dc126.4shared.com/doc/Xga9k2AH/preview.html>>. Acesso em: 15 nov. 2012



**Fonte:** Violão Folk. Disponível em: <<http://violaoeguitarragospel.blogspot.com.br/2010/01/breve-historia-do-violao.html>>. Acesso em: 15 nov. 2012.



**Fonte:** Violão Cutaway eletro-acústico. Disponível em: <<http://leandroabilio.blogspot.com.br/2012/03/violao.html>>. Acesso em: 10 nov. 2012.



ANEXO A - Conteúdo das primeiras aulas: acordes maiores

I Acordes em Posições Fáceis

a) categoria maior

A B C D

E F G

Dicionário de Acordes • 49

The image displays seven major chords (A, B, C, D, E, F, G) with their respective guitar fretboard diagrams and musical notation. Each chord is represented by a 6-string fretboard grid with fingerings (1-4) and an arrow indicating the sweep direction. Below each fretboard is a musical staff showing the chord's notes and a sharp sign for the key signature.

- A:** Fretboard: 2nd fret (1), 4th fret (2), 2nd fret (3), 4th fret (4). Musical notation: A4, C#5, E5.
- B:** Fretboard: 2nd fret (1), 4th fret (2), 2nd fret (3), 4th fret (4). Musical notation: B4, D#5, F#5.
- C:** Fretboard: 3rd fret (1), 2nd fret (2), 3rd fret (3), 5th fret (4). Musical notation: C4, E4, G4.
- D:** Fretboard: 2nd fret (1), 3rd fret (2), 2nd fret (3), 3rd fret (4). Musical notation: D4, F#4, A4.
- E:** Fretboard: 2nd fret (1), 2nd fret (2), 2nd fret (3), 2nd fret (4). Musical notation: E4, G4, B4.
- F:** Fretboard: 1st fret (1), 2nd fret (2), 1st fret (3), 3rd fret (4). Musical notation: F4, A4, C5.
- G:** Fretboard: 3rd fret (1), 2nd fret (2), 3rd fret (3), 3rd fret (4). Musical notation: G4, B4, D5.

Fonte: Chediak (1984, p. 49).



## ANEXO B - Convenção para cifragem de acordes

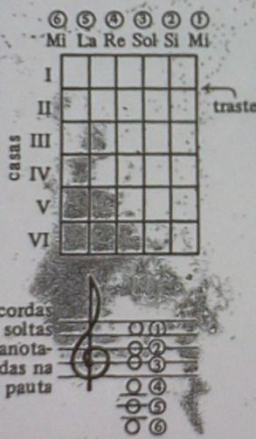
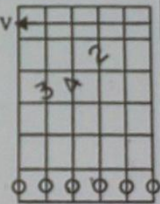
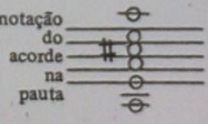
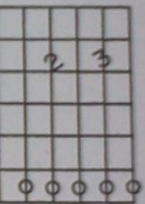

## CONVENÇÕES GRÁFICAS PARA O EMPREGO DOS ACORDES

Na montagem dos acordes usam-se alguns sinais, a seguir enumerados, para indicar:

- — cordas que devem ser tocadas, sendo a nota mais grave o baixo (bordão) do acorde.
- ← — pestana, serve para prender duas ou mais cordas com um mesmo dedo,

Algarismos romanos — indicação de casa.

- 1, 2, 3, 4 — dedos da mão esquerda, que correspondem ao indicador, médio, anular e mínimo, respectivamente.

Ex. 1	Ex. 2	Ex. 3
<p>Gráfico do braço do violão cordas soltas</p> <p>⑥ ⑤ ④ ③ ② ① Mi La Re Sol Si Mi</p>  <p>casas I II III IV V VI</p> <p>cordas soltas anotadas na pauta</p>	 <p>notação do acorde na pauta</p>  <p>Obs. — A clave de sol está subentendida</p>	 <p>notação do acorde na pauta</p>  <p>Obs. — Subentende-se que os dedos 2 e 3 estão na casa II</p>

À colocação dos dedos que formam a posição do acorde dá-se o nome de digitação.

Devemos dizer que um determinado acorde poderá ser digitado de maneiras diferentes, sendo que a forma mais correta dependerá da posição do acorde anterior e/ou posterior ao referido acorde.



**ANEXO C** - Composições de alunos apenados, com colaboração minha na composição da música

**LEVANTA E ANDA**  
(Daniel Ribeiro/Apenado “R”)

**E** **C#m**  
HÁ TRINTA E OITO ANOS SEM FICAR DE PÉ

**E** **C#m**  
UM HOMEM PADECIA E JÁ NÃO SORRIA

**F#m7(11)** **E/G#** **A**  
MAS A ESPERANÇA NELE NÃO FALTAVA

**F#m7(11)** **E/G#** **B4**  
POIS ELE ESPERAVA O MOVIMENTO DAS ÁGUAS

**E** **C#m**  
ENTÃO VEIO JESUS LHE PERGUNTANDO: “QUERES SER CURADO?”

**E** **C#m**  
E ELE RESPONDEU: “NÃO HÁ QUEM ME AJUDE”, FALOU DESANIMADO

**F#m7(11)** **E/G#** **A** **B4** **B<sup>add9</sup>**  
MAS JESUS PERGUNTOU: “APENAS QUERES SER CURADO?”

**REFRÃO**

**A** **B/A** **E/G#** **A**  
POIS QUANDO SE CRÊ, TUDO SERÁ FEITO CONFORME A TUA FÉ

**A** **B/A** **E/G#** **A**  
HOUE O MILAGRE, E ELE LEVANTOU, PEGOU A SUA CAMA

**F#m7(11)** **E/G#** **A** **B4**  
SOB A PALAVRA QUE JESUS FALOU: “LEVANTA E ANDA”

**F#m7(11)** **E/G#** **F#/A#**  
IRMÃO, SE VOCÊ CRÊ, VOCÊ TAMBÉM DEVE LEVANTAR

**B4** **E**  
E PELA FÉ, COM JESUS VOCÊ VAI CAMINHAR.

**ANEXO D** - Composições de alunos apenados, com colaboração minha na composição da música

### **AMOR QUE TRANSFORMA**

(Daniel Ribeiro/ Apenado "R")

Am F  
 NÃO POSSO EXPLICAR TAMANHO AMOR QUE DESCE LÁ DO CÉU  
Am C  
 A MINHA VIDA ERA AMARGA, ELE DEIXOU COMO MEL, NÃO SEI,  
G Am F  
 NÃO POSSO EXPLICAR, QUANDO SE RECEBE MUDA O CORAÇÃO DA GENTE  
C  
 QUANDO PEGA UM HOMEM VELHO, FAZ ELE SER DIFERENTE,  
G  
 ENTÃO EU VOU GLORIFICAR

### **REFRÃO**

Am  
 SÓ O SENHOR, SÓ O SENHOR É DEUS  
G Am  
 CÉUS E TERRA ESTÃO SOB O SEU PODER 2X  
  
 LA LA LAIÁ, LA LA LA LAIÁ, LE LE LE LEIÊ  
  
 LE LE LE LEIÊ, LE LE LE LEIÊ LEIÊ, LA LA LA LAIÁ LAIÁ  
  
Am  
 SE VOCÊ CRER IRMÃO PODE TER TODA CERTEZA  
C  
 SE ADORAR O NOME DELE VIRÁ COMO CORRENTEZA  
G  
 UNÇÃO E VAI TE INUNDAR  
Am F  
 DERRAMA SOBRE A IGREJA O SEU ESPÍRITO SANTO  
C  
 FAZ MILAGRE EM NOSSO MEIO, PRA MOSTRAR QUE É O GRANDE DEUS  
G  
 SÓ BASTA ADORAR

**Fonte:** RIBEIRO, Daniel; Apenado "R". **Amor que transforma**. 2012. Música composta por partes.